



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**GÊNERO E TRABALHO PEDAGÓGICO: O PRISMA DO
PEDAGOGO HOMEM NOS ANOS DE INÍCIO DA
ESCOLARIZAÇÃO**

FERNANDO SANTOS SOUSA

Brasília – DF

2011

FERNANDO SANTOS SOUSA

**GÊNERO E TRABALHO PEDAGÓGICO: O PRISMA DO
PEDAGOGO HOMEM NOS ANOS DE INÍCIO DA
ESCOLARIZAÇÃO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dr^a Rosângela Azevedo Corrêa.

Brasília – DF

2011

Sousa, Fernando Santos.

GÊNERO E TRABALHO PEDAGÓGICO: O PRISMA DO PEDAGOGO HOMEM NOS ANOS DE INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO / Fernando Santos Sousa – Brasília.

Universidade de Brasília – UnB, 2011. 85 p.

Monografia de graduação – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosângela Azevedo Corrêa

FERNANDO SANTOS SOUSA

**GÊNERO E TRABALHO PEDAGÓGICO: O PRISMA DO PEDAGOGO
NOS ANOS DE INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dr^a Rosângela Azevedo Corrêa.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Rosângela Azevedo Corrêa (Orientadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof. Norma Lúcia Nérís de Queiroz (Examinadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof. Shirleide Pereira da Silva Cruz (Examinadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

A minha mãe Lia – força e luz dos meus caminhos.
Aos meus pais Joaquim “*in memorian*” e João – pelo amor e proteção.
E ao Luiz Felipe que tanto esteve e está presente nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi construído com a participação de muitas pessoas especiais que fazem parte da minha vida. Cada uma delas me ajudaram a sua maneira. Posso garantir que não teria chegado até aqui se não fosse com a ajuda delas e por elas. Por muitas vezes foram colocados obstáculos no caminho até o objetivo final. E confesso que nem sempre foi fácil vencê-los. Pretendo lembrar todos, nem que seja generalizando na categoria amigos. Espero que cada pessoa ao ler este trabalho use-o como um incentivo positivo pensando que às vezes o caminho mais fácil nem sempre é o melhor, uma vez que os caminhos seguros vão sempre nos levar a lugares que já conhecemos. Quando nos aventuramos pelo desconhecido temos a oportunidade de entrar em contato com situações e descobertas que nunca pensaríamos conhecer se não fôssemos ousados e dispostos a atender nosso coração. Fiz este trabalho com amor, o amor que só aprendi em contato com estas pessoas que tanto me ajudaram, acalentaram e acreditaram em mim. O mínimo que devo fazer por vocês é agradecer:

O meu primeiro agradecimento não pode deixar de ser a minha mãe Dandalunda, deusa dos rios e lagos, que me abençoa diariamente com sua doçura, amorosidade e garra. Obrigado por me proteger, abençoar, atender aos meus pedidos e me escolher como seu filho. Ao meu pai Sângô deus do fogo e da justiça, que sempre me abençoou com coragem e determinação para alcançar meus objetivos sem precisar destruir os sonhos de ninguém.

Agradeço a minha mãe Lia por nunca ter me deixado sentir só, pelas tantas vezes que me abraçou quando precisei de carinho e atenção, por ter me esperado chegar em casa morto de fome sempre com uma comidinha quentinha, por ter perdido noites e noites de sono preocupada comigo. Tudo que faço em minha vida, faço também pela senhora, obrigado por ser minha super mãe e pai, além de toda e qualquer referência de amor e positividade em minha vida. Amo-te muito minha mãe, você é meu maior exemplo!

Aos meus irmãos Carlos e Fernanda. A Rogerlane e a princesinha Bibi! Temos nossas diferenças mas somos e seremos sempre uma família. Sem vocês não sei onde eu teria chegado e se de fato estaria escrevendo isso aqui hoje. Tenho muito orgulho em ser irmão de vocês dois.

A minha orientadora Rosângela Azevedo Corrêa pela firmeza nas discussões acerca dos textos e metodologias. Pelos incentivos para que acreditasse mais em mim e vivesse o momento sem tantas preocupações, parabéns pelo seu exemplo de mãe e mulher.

Aos participantes da pesquisa por confiarem no trabalho e concederem um pouco do concorrido tempo de vocês e aos estudantes homens que responderam o questionário sem qualquer resistência.

A professora Norma Lúcia Queiroz que muitas vezes foi o combustível quando faltou coragem e tudo se confundiu, você foi luz neste momento e as aulas de Seminário foram indispensáveis para que este trabalho fosse realizado.

Aos meus professores, professoras, mestres, mestras, doutores e doutoras por terem compartilhado tanta sabedoria e força de vontade em ensinar e educar: Professora(e)s Ana Lúcia Abreu, Carmenísia Jacobina, Cristina Costa, Cátia Curado, Maria Helena, Penélope Ximenes, Hélvia Leite, Patrícia Raposo, Shirleide Cruz, Lêda, Wivian Weller, Maria Alexandra, , Carlos, Eduardo Ravagni e tanta(o)s outra(o)s o meu muito obrigado.

Obrigado aos meus amigos e amigas Natália, Isac, Gabriella, Carol que compreenderam minha ausência, chatice e neurose por conta deste trabalho de conclusão de curso. A Michele, Renata, Rafaele, Davi e Dani, minhas novas irmãs e irmão. Em especial a Denise que sempre esteve me procurando após tantos sumiços, fazendo perceber o quanto se importa com nossa amizade. Seus incentivos positivos me ajudaram e muito minha amiga.

Aos meus amigos da Faculdade de Educação: Karla, Fabrício, Bruna, Jales, Alexandra, Laís, Soraya, Thalita, Priscila, Mazarelo, Beatriz, Letícia, Tayane, tantos outros que se mostraram presentes e acessíveis. Obrigado pela aprendizagem colaborativa de sempre.

Aos irmãos do *PortalFreakout.com* que cuidaram do site durante minha ausência e mesmo que a distância me apoiaram e mandaram energias positivas, tenho orgulho de fazer parte desta grande família.

Tenho de dedicar um parágrafo especial para a Ana Letícia, o Pedro e a Jennifer, eles que também foram meus co-orientadores. Sempre solícitos aos constantes pedidos para leitura e releitura do trabalho, obrigado pelos toques, pelo companheirismo e por dar espaço para que nossa amizade acontecesse. Vocês são muito especiais para mim. Cheguei até aqui, sem dúvida, foi pela ajuda, incentivo e confiança que vocês tiveram em mim. Meus filhos irão estudar com vocês!

Ao meu pai André Luiz e minha mãe Noêmia Carneiro que há tão pouco tempo me adotaram como filho. Por tantas vezes me senti desmotivado, desencorajado e triste na caminhada e recorri a vocês para que rezassem por mim e pedissem aos nossos mentores espirituais que me protegessem. Obrigado por me aceitarem como parte da família de vocês e por me proporcionar a chance de entrar em contato novamente com o meu lado espiritual. Vocês trouxeram o céu para perto de mim!

D^a Cleide obrigado por ser uma mãezona, pelos bolinhos de chuva e as inúmeras palavras de incentivo este tempo todo, pelas brincadeiras e por me receber tão bem em sua casa. Admiro-te muito!

Obrigado a você que trouxe o tom e a cor para minha vida, que me fez tantas vezes voltar e ver a luz da estrela no deserto a me guiar, que neste tempo todo foi o farol no mar da incerteza e do medo. Desde o início me incentivou a deixar de lado a gestão democrática e me aventurar pelo desconhecido tendo novas descobertas. Eu não seria nada e não teria chegado até aqui se não fosse com você e por você. Obrigado por me agüentar na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Por ter perdido noites de sono preocupado comigo e pensando em alternativas para que este trabalho desse certo. Você acompanhou todos os meus desesperos e angústias. Às vezes acho que você conhece mais de mim até do que eu mesmo. Valeu por acreditar, por não desistir e por ter chegado até aqui comigo. Não me esquecerei disso e você sempre terá o seu lugar reservado na minha história e no meu coração: Luiz Felipe. E para resumir tudo isso uso uma frase da música da Xuxa, denunciei que você gosta: *“Eu posso voar, mais alto que uma águia, pois você é o vento sobre as minhas asas.”*

Agradeço a todos aqueles que me amam e torcem por mim, pelos sorrisos que iluminam meus dias, pelas palavras de incentivo sempre que a fraqueza bateu no peito. Vocês são o sol que ilumina meus dias, todos são parte da minha história e sempre terão espaço garantido dentro dela.

“Pensamos demasiadamente e sentimos muito pouco. Necessitamos mais de humildade que de máquinas, mais de bondade e ternura que de inteligência. Sem isso, A vida se tornará violenta e tudo se perderá... Minha fé é no desconhecido, em tudo que não podemos compreender por meio da razão. Creio que o que está acima do nosso entendimento é apenas um fato em outras dimensões e que no reino do desconhecido há uma infinita reserva de poder.”

Charles Chaplin

RESUMO

O curso de Pedagogia possui, em sua história, a característica de ser uma área freqüentada basicamente por mulheres e associado aos papéis femininos. Vale lembrar que este espaço foi inicialmente ocupado por homens, onde somente eles estudavam e ensinava. Hoje em dia, de um modo geral, o pedagogo do sexo masculino vem enfrentando estranhamentos quando manifesta seu desejo de trabalhar com crianças dos anos de início da escolarização, o que os desmotiva, desencoraja e/ou os desqualificam a exercer a profissão dando aulas para crianças neste nível de ensino. Com base nisso, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal conhecer a percepção do pedagogo homem dentro de um universo marcado pela presença feminina. Procuramos analisar as dificuldades do pedagogo como homem em sua atuação profissional nos anos de início da escolarização, identificar se a questão do gênero masculino no curso de pedagogia gera discriminação e conhecer as aspirações do Pedagogo acerca da docência quando eles resolvem trabalhar neste nível de ensino. A pesquisa foi realizada, seguindo a abordagem qualitativa, realizamos entrevistas com três pedagogos que exerceram ou exercem a ação educativa nos anos de início de escolarização e um pedagogo recém formado. Aplicamos também um questionário a 20 estudantes homens do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Os resultados desta pesquisa nos permite ver que ainda temos muito a caminhar até desconstruir preconceitos arraigados em nossa sociedade, entretanto, precisamos começar. Desde cedo à criança deve ter contato com a diversidade de gênero, isso irá contribuir na construção de sua personalidade preparando-a para respeitar o diferente. Os professores são os agentes que podem dar espaço a pluralidade e valorização das diferenças presentes dentro da escola. Para tanto, se faz necessário reflexões sobre práticas e trajetórias profissionais, ampliando saberes e construindo um espaço de discussão e reconstrução de significados.

PALAVRAS CHAVE: Gênero, pedagogo, trabalho pedagógico, séries de início de escolarização, feminização do magistério.

ABSTRACT

The Faculty of Education has in its history, the characteristic of being an area frequented mostly by women and associated with feminine roles. Remember that this space was originally occupied by men, where only they studied and taught. Today, in general, the male teacher is facing strangely when expressed their desire to work with children from the early years of schooling, the disincentive that discourages and / or disqualify them to practice tutoring Children at this level of education. On this basis, the completion of course work is aimed at knowing the perception of the teacher man within a universe characterized by the presence of women. We tried to analyze the difficulties of the teacher as a man in his professional work in the early years of schooling, to identify whether the issue of male gender in pedagogy course amounts to discrimination and meet the aspirations of the pedagogue about teaching when they decide to work this level of education. The survey was conducted following a qualitative approach, we conducted interviews with three educators who engaged in or carry out educational activities in the early years of schooling and a newly trained teacher. We also applied a questionnaire to 20 male students of the Faculty of Education at the University of Brasilia. The results of this research allows us to see that we still have much to walk to deconstruct prejudices ingrained in our society, however, we must begin. From an early age the child should have contact with the diversity of gender, this will help in building his personality preparing it to meet the different. Teachers are the agents that can make room for diversity and valuing differences present within the school. To this end, it is necessary reflections on practices and career paths, expanding knowledge and building a space for discussion and reconstruction of meanings.

KEY WORDS: Gender, educator, educational work, a series of early education, the feminization of teaching.

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 01 - Faixa etária dos estudantes que responderam os questionários na Faculdade de Educação – Universidade de Brasília, 2011.....	55
Figura 02 – Referente ao semestre dos estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação – Universidade de Brasília.	55
Figura 03 – A escolha pelo curso de graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília.....	56
Figura 04 – Estudantes que sofreram críticas por ter escolhido o curso de Pedagogia.....	57
Figura 05 – Os estudantes percebem alguma diferença de habilidades exercidas por homens e mulheres.....	58
Figura 06 – Se os estudantes já pensaram em desistir do curso por serem homens.....	59
Figura 07 – Se sofreram algum tipo de preconceito durante o estágio por ser do sexo masculino.....	60
Figura 08 – Se os estudantes realizaram alguma atividade na área de Pedagogia.....	61
Figura 09 – Os estudantes de Pedagogia sentir-se-iam à vontade ao realizar uma tarefa como trocar fraldas em seu emprego.....	62
Figura 10 – A percepção dos estudantes de Pedagogia com relação ao participar de um curso composto em sua maioria por mulheres.....	63
Figura 11 – Se os estudantes de Pedagogia gostam do curso de graduação, se tem prazer em fazê-lo e consideram-se realizados na sua escolha.....	63
Figura 12 – Qual a perspectiva profissional dos estudantes ao terminar o curso de graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília.....	64

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO.....	15
PARTE II: ESTUDO MONOGRÁFICO.....	20
1.0 - INTRODUÇÃO.....	20
2.0 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1 – Gênero e suas implicações.....	23
2.2 – A feminização do magistério.....	25
2.3 – Gênero e trabalho pedagógico.....	31
3.0 – MÉTODO.....	38
3.1 – Procedimentos metodológicos da investigação.....	38
a) A pesquisa qualitativa.....	38
3.2 - Instrumentos e técnica de pesquisa.....	39
a)Entrevista.....	39
b)Questionário.....	39
3.3 –Participantes.....	40
3.4 – Respondentes do questionário.....	41
3.5 - Procedimentos de construção das informações.....	41
3.6 - Procedimentos de análise das informações.....	42
4.0 - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	42
4.1 – As vivências e percepções de três Pedagogos nas séries de início da escolarização.....	43
a) A desvalorização do curso de pedagogia.....	43
b) A desvalorização do professor dos anos de início da escolarização.....	45
c) O direcionamento de homens as atividades de poder.....	46
d) Habilidades de homens e mulheres nos anos de início da escolarização.....	47
e) O estranhamento do gênero masculino nos anos de início da escolarização.....	48
f) O papel positivo da presença de professores homens nos anos de início da escolarização.....	51

4.2 – A escolha do curso de Pedagogia pelos homens.....	53
a) O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.....	53
b) Aplicação dos questionários.....	54
c) Perfil dos estudantes homens do curso.....	54
d) A escolha do curso de Pedagogia.....	56
e) Diferenças entre as habilidades de homens e mulheres.....	57
f) O ser homem no curso de Pedagogia.....	59
g) As atividades práticas durante o curso.....	60
h) O sentimento em fazer parte de um curso em sua maioria freqüentado por mulheres e suas expectativas após a conclusão.....	62
4.3 – A percepção do pedagogo recém formado.....	65
a) A escolha pelo curso de Pedagogia.....	65
b) Como se sentia percebido como homem dentro do curso.....	66
c) Percepção sobre os aspectos relativos ao cuidar.....	67
d) Limitações como pedagogo homem.....	67
5.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
6.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
PARTE III: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	79
APÊNDICE A.....	80
APÊNDICE B.....	82
APÊNDICE C.....	84

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho final de curso representa um requisito necessário à conclusão da graduação em Pedagogia. Encontra-se estruturado em três partes, sendo elas: Memorial Educativo, Estudo Monográfico e as Perspectivas Profissionais.

Na Parte I, apresento o Memorial Educativo, relatando minhas experiências de vida, com foco nas atividades que realizei durante minha trajetória escolar, os fatores que me motivaram a cursar a graduação em Pedagogia, os medos, as certezas e incertezas. Fatos que me fizeram chegar aos propósitos que tenho hoje e me ajudaram na tomada de decisão em todo o processo de construção deste trabalho.

Na Parte II, apresento o Estudo Monográfico, focado nos Pedagogos homens e seu contato com os primeiros anos de escolarização com vistas conhecer o porquê da escolha pelo curso de Pedagogia, como eles se percebem atuando como professores nos anos de início da escolarização e como se sentem percebidos dentro deste universo marcado pela presença feminina.

Por fim, na Parte III, expresso minhas expectativas como pedagogo, anseios, sonhos e perspectivas profissionais.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Suponho que esta seja a parte mais pessoal e talvez a mais desprendida deste Trabalho de Conclusão de Curso. Entretanto, traz a mesma complexidade que as demais, considerando que em toda a vida sempre tive muita dificuldade em não deixar transparecer sentimentos, logo, escrever cientificamente sempre é um desafio. Em um trabalho como este, temos de nos embasar em textos e teorias para chegar a formular uma idéia consistente sobre um determinado tema.

Durante todo o curso tive momentos de crise em que foi preciso optar entre a razão e o coração e é sobre isso que quero contar neste Memorial. Talvez o maior propósito neste momento seja delimitar minha trajetória a partir da escolha do curso de Pedagogia, mas peço licença para poder voltar um pouco, não ir com tanta “sede ao pote” e relembrar elementos que me fizeram escolher este caminho.

Nasci em 12 de janeiro de 1990, cresci em uma cidade do interior de Minas Gerais, chamada Acauã. Tive como primeiro Pedagogo em minha vida, meu próprio pai, o qual eu perdi muito cedo, aos cinco anos. Lembro-me de algo que marcou muito minha forma de ver as coisas, um ensinamento que nunca esqueci dado por ele. No meio da cidade na qual morava passava uma estrada recordo-me certa vez, ele me explicou que para atravessar a pista deveria olhar para um lado e para o outro. Este ensinamento me marcou tanto que ao chegar a Brasília me vi olhando para um lado e para o outro em pistas de mão única. Hoje, consigo extrair desta experiência que toda e qualquer educação dada com amor deixa marcas que o tempo não pode apagar.

Tempos depois, com a morte do meu pai, meus irmãos mais velhos tiveram de se mudar para Brasília, mais precisamente em 1996, precisávamos de dinheiro e a cidade que morávamos não nos proporcionava grandes oportunidades. Após um tempo em que o meu irmão já estava morando aqui, chegara à vez de minha irmã se mudar também. Com isto, apenas eu e minha mãe ficamos morando naquela cidade do interior de Minas Gerais. Minha mãe trabalhava como doméstica, na casa daquela que viria a ser minha madrinha.

Aos seis anos ingressei no chamado “pré de seis”. Minha primeira professora chamava-se Nenzinha. Minha mãe trabalhava em sua casa, logo sempre tive contato com seus livros, planos de aula, e todos aqueles instrumentos utilizados por professores da educação da infância e das séries iniciais do ensino fundamental. Começava então, mesmo sem saber a treinar a profissão de professor.

Minha mãe sempre foi e é um exemplo de conduta para mim. Afinal criou três filhos sozinha, de acordo com seus princípios sendo que nenhum deles se desviou do caminho correto. Não quero ser convencido, mas a minha mãe é a mais amada e a melhor do mundo. Sempre foi meu refúgio, minha compreensão e o colo nos momentos de angústia, cansaço e medo.

Sempre fui muito curioso, gostava de brincar de escolinha, ler livrinhos e ajudar minha madrinha nas atividades da escola, brincando de ser professor. Minha mãe não tinha condições de comprar muitos livros. O filho de minha madrinha-professora não era muito interessado em leitura, ela, então, me incentivava a dar aulas de reforço a ele e em troca me presenteava com livros. Lembro-me que ela comprou um quadro para que fizéssemos as continhas de Matemática e as atividades da escola, considero este presente como um incentivo de grande importância que fez grande diferença em minha vida.

Estudei na Escola Estadual Professora Flora Brasileira Pires César, até a 4ª série, sempre dedicado aos estudos e próximo às professoras. Com isto, outra educadora que muito me marcou era chamada de “*Tia Marília*” sempre muito responsável, e sábia como nos incentivar a aprender, mesmo pequeno ainda guardo muitos ensinamentos desta época comigo.

Após concluir a quarta série, mais especificamente em 2001, minha mãe e eu mudamos para Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal. O fato de ter morado durante onze anos em uma cidade de interior em Minas Gerais, fez ter um choque cultural ao chegar a Brasília, a impressão que tinha de uma metrópole era de que ao sair no portão de casa poderia ser assaltado ou algum de muito ruim poderia acontecer, a impressão de qualquer metrópole aos olhos de alguém que mora no interior é de extrema vigilância. Uma fase de adaptação e de grandes descobertas. Senti-me deslocado nos primeiros meses, mas hoje, já não sei se gostaria de morar em outro lugar diferente de Brasília.

Estudei da quinta até a oitava série no Centro de Ensino Fundamental 11 de Ceilândia. Tive professoras, e professores muito bons e de excepcional competência, muito presentes na nossa vida escolar e preocupado (a)s com fatores externos que poderiam nos influenciar nas atividades desenvolvidas dentro de sala de aula. Professoras entre as quais posso citar: Mary e Mônica de Língua Portuguesa, Amélia de Matemática, Rose de Língua inglesa, Leila Pavanelli de História.

No Centro de Ensino Médio 04 de Ceilândia cursei primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio. Posso destacar as atividades extraclasse muito bem planejadas. Como as pesquisas de campo realizadas na Chapada Imperial. O que tornava palpável o que

estudávamos em Geografia sobre a questão do meio ambiente e a importância da preservação como princípio de sobrevivência e de harmonia entre homem/mulher e a natureza, os projetos sobre a Consciência Negra, Feira dos Estados e Países entre outros projetos executados pelos professores e professoras de maneira interdisciplinar e proveitosa.

Grandes e competentes professores também marcaram esta importante etapa. Não tinha muita noção de como se fazia, por exemplo, uma redação, mas através de atividades desenvolvidas durante as aulas de Geografia pude aprender a escrever melhor, algo que sem dúvida configura-se como básico na tentativa de ingressar em um curso de ensino superior.

Vindo de uma escola pública, sempre tive o sonho distante de ingressar na Universidade de Brasília - UnB. Fiz as três etapas do Programa de Avaliação Seriada – PAS e fui aprovado em Janeiro de 2008, mais uma vez minha vida estaria passando por uma grande mudança, precisaria adaptar-me a um novo ambiente, a novas pessoas, novos professores e novas visões de mundo. Ingressar na UnB me abriu a mente para muitas coisas, não só na questão acadêmica como no exercício da tolerância como também no respeito às diferenças.

No primeiro semestre, cursei a disciplina Antropologia e Educação, lecionada pela professora Rosângela Correa, a qual hoje tenho a honra de contar como orientadora deste trabalho. Sendo esta uma das melhores disciplinas do curso de Pedagogia, assim como Ensino de Ciências e Tecnologias, ministrada pela professora Maria Helena Carneiro. Aprendi tanto com as disciplinas quanto com as respectivas professoras: a correr atrás do conhecimento dentro da Universidade e não me contentar com pouco, afinal conhecimento nunca é demais. Considero as disciplinas citadas acima, entre as mais trabalhosas de todo o curso. Entretanto, figuram-se também como as que construí conhecimentos significativos. A visita ao Aterro Controlado, localizado na Cidade Estrutural, durante as aulas de Antropologia, posso classificar como uma das melhores e mais proveitosas experiências de minha vida acadêmica já que através das pesquisas de campo, pude compreender um particular modo de vida e trabalho desenvolvido por pessoas simples e de grande força de vontade, pessoas que tinham sua própria forma de ser, estar e perceber o mundo.

Tive o prazer durante a graduação de ser monitor por três vezes da doutora Carmenísia Jacobina Aires, hoje diretora da Faculdade de Educação (Projeto I, Organização da Educação Brasileira - (1º e 2º/2010), a qual devo grande respeito e admiração. Com esta cursei também o Projeto 1, Projeto 3 (três fases) e Projeto 4 (estágio supervisionado). A primeira fase do Projeto 3 teve como foco Gestão, Tecnologias e Educação a distância. Foi quando tive o primeiro contato com a pesquisa na prática, não só apenas tive contato como também aprendi a fazer pesquisa científica. Na segunda fase do Projeto 3, com foco em Gestão de

Tecnologias, desenvolvi juntamente com duas colegas uma pesquisa analisando a gestão do laboratório de informática de uma escola do ensino fundamental da rede pública do Paranoá. Na primeira fase do Projeto 4, resolvi analisar os instrumentos de gestão democrática da escola que estudei durante o ensino médio, o que também considero uma experiência de grande aprendizado.

O primeiro contato com a docência de fato se deu durante a fase dois do Projeto quatro, na qual tive oportunidade de trabalhar com crianças de três, quatro, cinco e seis anos de idade de um bairro carente da cidade Recanto das Emas – Distrito Federal. O contato com as crianças confirmou o meu gosto pela atividade docente. Comecei a pensar nas oportunidades de emprego após a formatura, e me senti motivado a desenvolver a pesquisa deste estudo.

Durante toda a graduação entrei em conflitos e fui tomado por medos, afinal o curso de Pedagogia é predominantemente feminino, embora estivesse imerso na pesquisa sobre gestão de tecnologias e gestão democrática, o que me inquietava era pesquisar sobre fatores que influenciam o pedagogo homem a exercer e se aventurar em uma profissão culturalmente construída com características femininas. Em minha trajetória escolar, tive contato com professores apenas no Ensino Fundamental e Médio, educação da infância e séries iniciais contei apenas com professoras. No Ensino Médio o caso se inverteu, a predominância deixou de ser professoras e passou a ser de professores, principalmente no que diz respeito às áreas exatas como Matemática, Física, Química e Educação Física.

Comecei a cursar no sexto semestre a disciplina Seminário: Trabalho Final de Curso, com a professora Norma Lúcia Queiroz, a qual me incentivou nesta inquietação, mesmo que esta temática acarretasse muitas mudanças neste projeto. Isto é, ela encorajou-me a sair do que estava um pouco mais confortável para arriscar. Esse incentivo foi indispensável para deixar a investigação sobre gestão democrática e fazer muito mais do que o fácil, mas ir também à busca de algo que pudesse contribuir com a formação profissional e satisfazer inquietações pessoais.

No início, fiquei um pouco perdido, afinal estava inquieto e queria pesquisar sobre esta temática. Entretanto, durante todo o curso enveredei-me pelos caminhos da gestão, gestão democrática e gestão compartilhada na educação. Toda e qualquer mudança em nossa vida deve ser pensada e repensada, a escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso exigiu que fizesse de fato escolhas. Sofri um pouco para efetivar a tomada de decisão, mas, hoje, estou aqui decidido e dando o melhor de mim neste trabalho.

Infelizmente por não se tratar da área de pesquisa em Gestão escolar democrática tive de deixar a orientação da professora Carmenísia. Ou seja, tive de abrir mão desta parceria, mas sei que posso contar com o apoio dela e ajuda a qualquer momento. Entretanto, encontrei a professora Rosângela Corrêa, também de braços abertos para me orientar na construção deste trabalho. E fico extremamente feliz em voltar e lembrar, aprender mais e crescer trocando idéias com uma professora tão profissional e sábia.

Outro fator importante que me fez escolher estudar esta temática está relacionado a uma experiência que eu tive numa creche em que participei de um processo seletivo; para isso, participei em diferentes atividades da creche durante três dias. Eu percebi que gostaram do meu trabalho, entretanto, apesar de ter me saído bem no teste, não fui aprovado, a justificativa foi que como era uma turma com crianças de três anos de idade, isto exigia maiores cuidados como trocar fraldas. Resolvi entender o motivo pelo qual existia uma restrição a presença de um professor homem para os anos iniciais.

Chego ao final do curso com muita alegria e satisfação, embora um pouco inseguro e indeciso com algumas questões. Acredito que seja natural, afinal é parte de nosso aprendizado. A dúvida é sinal de aprendizado, como destaca Luiz Felipe, alguém muito importante, especial e de grande ajuda na superação dos obstáculos enfrentados até aqui, vou permitir-me errar, já que quero ser um eterno estudante, quero errar para aprender e buscar o sonhado acerto sempre tentando ir ao infinito e além.

PARTE II

ESTUDO MONOGRÁFICO

1.0 – INTRODUÇÃO

O curso de Pedagogia possui, em sua história, a característica de ser uma área freqüentada basicamente por mulheres, bem como associado aos papéis femininos. Ao rever a literatura especializada, pode-se verificar que a preocupação com o tema da identidade feminina e magistério não é tão recente. Historicamente existe a predominância de profissionais formados em Pedagogia do sexo feminino. No Brasil desde o final da década de 60 do século passado, surgem trabalhos com esta temática (PEREIRA, 1967, GOUVEIA, 1970).

De um modo geral, o pedagogo tem enfrentado problemas com sua aceitação no mercado de trabalho em áreas que são consideradas tradicionalmente “femininas”, especialmente, quando buscam exercer a prática docente na educação da infância e nas séries iniciais do ensino fundamental; este é visto muitas vezes com certo estranhamento pelos pais, mães, pela comunidade escolar e sociedade em geral. Muitos professores ao internalizarem esta visão acabam por se sentirem desmotivados, desencorajados e desqualificados a continuar exercendo a docência nesta etapa de vida das crianças.

A desvalorização social da profissão, a pequena remuneração financeira e a dificuldade da aceitação da figura masculina no exercício da docência – que envolve também atividade de cuidados com crianças pequenas – são fatores que contribuem para acarretar conflitos nos papéis sociais. Na medida em que a docência nas séries iniciais do ensino fundamental e na educação da infância ainda está fortemente ligada à figura feminina, à vida privada e “doméstica”.

Um dos argumentos que justifica o distanciamento dos homens na educação da infância e séries iniciais no ensino fundamental está ligado a casos de pedofilia. Segundo Cortez (2008) a interpretação do cuidar, como gestos e carinhos implicando um contato corporal, levantam alguns problemas na competência destes profissionais. Aspectos na atividade profissional relacionados ao cuidado continuam sendo associados ao feminino, fazendo com que alguns educadores evitem contatos corporais com as crianças, em virtude de supostas alegações de assédio e abuso sexual.

Tal situação resulta em um clima de tensão, já que o cuidar de crianças exige contato físico constante, mimos e posturas afetivas por parte dos profissionais, e estes são atributos cultural e socialmente femininos. Logo, quando os pedagogos utilizam gestos, carinhos e até contato corporal, isso pode ser visto como algo não recomendável por parte destes profissionais às crianças no ambiente escolar.

A sociedade brasileira espera dos homens, ainda vistos como provedores da família, uma dedicação a profissões de maior remuneração, uma postura viril e pouco emotiva, e um maior destaque profissional que os possibilitem uma ascensão social e financeira. Uma vez que o magistério ainda é permeado por esses valores, percebe-se a cada dia maior afastamento de profissionais do sexo masculino da profissão.

Deste modo, faz-se necessário uma reflexão sobre o exercício de prática do profissional da educação do sexo masculino que vem sofrendo restrições ao manifestar sua vontade em trabalhar com crianças em séries iniciais.

Após leitura prévia da bibliografia, foi constatado que poucos estudos focam a presença do pedagogo nos anos de início da escolarização. A partir do interesse por esta problemática surgiu a motivação de compreender a trajetória histórica da feminização do magistério e o ingresso do pedagogo homem na profissão. Nas discussões populares ressalta-se a necessidade de criar oportunidades iguais para ambos os sexos, mas no caso da docência nas séries de início de escolarização ainda é pequena a participação de homens como professores.

Assim, para a realização deste estudo foram estabelecidos os seguintes objetivos:

Geral

- Analisar as possíveis dificuldades do pedagogo como homem, por meio de sua percepção sobre um universo marcado pela presença de mulheres

Específicos

- Analisar se a questão do gênero masculino na pedagogia gera discriminação;
- Identificar as aspirações do Pedagogo acerca da docência em início de escolarização;

As perguntas que guiaram este estudo foram: Como o pedagogo se percebe dentro de um universo marcado pela presença feminina e se existem conflitos pessoais, profissionais e éticos no exercício da sua função? Quais os fatores que levam os homens a buscar a Pedagogia como profissão? Qual o prisma dos Pedagogos antes e depois da formação profissional? Esses foram os questionamentos que nortearam o estudo.

A importância deste tema para estudo foi identificada através das leituras e pesquisas realizadas previamente, em que se constataram como restritas as produções nacionais e internacionais sobre as séries de início de escolarização e a atuação do profissional homem.

A fundamentação teórica está dividida em tópicos, são expostos conceitos e históricos que ajudarão na análise das entrevistas, do questionário e nas discussões a respeito do tema. A organização dos tópicos foi estabelecido da seguinte maneira:

Em 2.1: **Gênero e suas implicações:** tivemos como objetivos reunir conceitos de gênero, relacionando-os para entender como se estabelecem as relações do pedagogo homem em um ambiente culturalmente associado e composto pela atuação de mulheres.

Em 2.2: **A Feminização do Magistério:** explicaremos historicamente a predominância de mulheres e o afastamento de homens das séries de início de escolarização. Como a escola passou do domínio dos homens para um espaço de atuação majoritariamente de mulheres.

Em 2.3: **Gênero e trabalho Pedagógico:** apresentaremos como as identidades masculinas e femininas são construídas e qual a sua relação com o trabalho pedagógico das séries de início de escolarização e como o professor homem pode ser interpretado e percebido neste espaço.

Esta investigação foi desenvolvida seguindo a abordagem qualitativa. Foram coletadas informações através das bibliografias existentes relacionadas ao tema, além de entrevistas semi estruturadas e um questionário contendo perguntas abertas e fechadas, a interpretação das informações coletadas foram feitas com base na análise dos relatos apresentados.

2.0 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - Gênero e suas implicações

A partir da década de 1960, originaram-se mobilizações, lutas e movimentos sociais na Europa e nos Estados Unidos a respeito da temática de gênero, assim como as primeiras produções escritas à respeito deste tema. Inicialmente esses movimentos se preocupavam com aspectos relativos às condições femininas, cuja a intenção de homogeneizar as mulheres, desconsiderando diferenças de classe, cor e etnia.

Para Vieira (2003, p.143 apud MOREIRA, 2001, p.45) gênero é uma categoria de análise social que estuda as relações entre homens e mulheres em uma dada sociedade. Entendendo que essas relações são dinâmicas e construídas ao longo de um processo histórico e se manifestam de diferentes formas, dependendo do lugar e da época a qual faz parte. Louro (1997) define também gênero como uma construção social sobre as diferenças sexuais. Para a autora essas diferenças são compreendidas por um grupo em um determinado contexto, e são trazidas para a prática social, tornando-se assim, parte de um processo histórico.

Heilborn (1996) e Osterne (2001) entendem que o uso da categoria gênero em alguns trabalhos acadêmicos brasileiros possibilitou reflexões sobre as diferenças entre masculino e feminino, rejeitando o determinismo biológico presente no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O principal interesse no uso do termo “gênero” foi enfatizar sua base relacional, buscando destacar a dinâmica de relações sociais a partir dos contextos históricos e afirmar que as características biológicas não são por si mesmas, definidoras de identidade sexual.

Souza (2005) ressalta que, a antropologia e outras ciências sociais também se utilizaram da categoria gênero como meio de evidenciar as desigualdades socioculturais existentes entre homens e mulheres que repercutem na esfera da vida pública e privada de ambos os sexos, impondo a eles papéis sociais diferenciados. Esses papéis de gênero foram construídos historicamente e criaram pólos de dominação e submissão, prevalecendo o poderio masculino em detrimento do direito das mulheres.

Concordamos com Saffioti (1992) que o gênero é relacional, por isso devemos ser capazes de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por elas sofridas através dos distintos e dinâmicos processos sociais, trama essa na quais as relações de gênero acontecem. Não se configura como algo natural à escolha de homens por profissões administrativas e de poder.

O gênero chega a exercer a função de molde social, sendo suas marcas estampadas em crianças e adultos, como se as personalidades masculinas saíssem de uma fábrica pronta para estabelecer relações na sociedade. Por mais que se tenha uma grande aderência às características comuns a homens, há aqueles que costumam fugir dessas “regras” os considerados homens sensíveis.

Connel (1995) afirma que o gênero é sempre uma estrutura contraditória, o que torna possível sua dinâmica histórica e impede que este seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias. Se o mesmo é um produto histórico, encontra-se aberto também as mudanças históricas. E se desejamos essas mudanças, então precisamos saber como o gênero é moldado e como ele pode ser re-moldado. O conhecimento dos conceitos de gênero e suas elaborações são importantes para a compreensão das relações de poder vivenciadas por homens e mulheres em uma dada sociedade, permitindo repensar práticas e formular novas representações a respeito das diferenças entre os sexos.

A partir deste conceito é possível entender que as construções a respeito das condutas de homens e mulheres não são imutáveis, sendo possível uma reconfiguração e desconstrução de pré-conceitos. O gênero nada mais é que uma forma de ver mundo através dos processos históricos sociais, em que as pessoas modificam o seu meio e a si mesmas.

Quando são observadas situações de discriminação ou repressão com base em argumentos biológicos e separações por sexos, homens x mulheres, mulheres x homens, é possível definir e pensar em mudanças de concepções e idéias a respeito do gênero, sendo possível que se estabeleça uma consciência, já que o gênero não é uma categoria estabilizada, e como tal pode constantemente ser submetido a novas interpretações.

Então, compreendemos o conceito gênero como um conjunto de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas, atribuídas a pessoas de forma diferenciada de acordo com o sexo. As características de gênero variam através da história referem-se a papéis que a sociedade considera “masculino” e “feminino”. O que funciona como uma maneira de olhar a realidade nas relações entre homens e mulheres a fim de compreendê-las.

Neste sentido, a categoria de gênero foi usada para compreender a maneira com que se estabelecem as relações de segregação e preconceito sofridos por profissionais homens em um ambiente de início de escolarização. As consequências dessas relações poderiam passar despercebidas caso não houvesse essa categoria. Neste contexto, faz-se necessário conhecer e pensar como as relações de gênero contribuem para o desenvolvimento de novas concepções e visões de mundo.

2.2 - A feminização do magistério

A associação entre as séries no início de escolarização e o trabalho feminino tem sido considerado um fator natural no imaginário social, entretanto, existe um histórico que explica a predominância de mulheres e o afastamento de homens do espaço de sala de aula.

Analisar o processo de feminização do magistério e o afastamento de profissionais homens das escolas no início da escolarização significa entender um percurso construído historicamente, permeado por lutas, conflitos e contradições de uma sociedade marcada pelo machismo, patriarcalismo e uma herança dos colonizadores portugueses que dominaram o país, em especial, a educação brasileira.

O Brasil, até meados do século XIX, caracterizava-se como uma sociedade tipicamente agrária, na qual a organização social era dividida entre senhores e escravos, estando às mulheres totalmente excluídas da esfera pública. Ao longo do referido século, as necessidades econômicas, políticas e sociais deram origem a um processo de urbanização em diversas regiões do país.

Com o avanço do capitalismo industrial é refeita a hierarquia de profissões, agregando valor às atividades que eram condizentes com as novas exigências promovidas pelo mundo industrializado. Neste contexto, o magistério, antes considerado como área de prestígio, começou a sofrer uma desvalorização, a saída dos homens deste espaço e a abertura para as mulheres configuraram-se importantes fatores para este fato. Segundo Novaes (1984) e Rosemberg & Amado (1992) houve uma deterioração do salário à medida que aumentou a participação feminina. Por outro lado, há evidências de que o magistério teve a função de estratégia de ascensão social para certas mulheres, o que favoreceu sua procura como possibilidade profissional.

A educação era destinada exclusivamente a homens de elite, a mulher era vista como um ser inferior. Restrita ao mundo doméstico, como afirma Ribeiro (1997, p. 74, apud Vieira, 2003, p. 123).

[...] a educação formal para a mulher, tanto no Brasil, como em Portugal, era considerada uma heresia social. Essa heresia deveria ser necessária ao sexo masculino, pois limitando o acesso das mulheres à educação formal, não disputariam algo que era inerente à supremacia masculina. Enquanto permanecessem analfabetas, o controle paterno teria melhor resultado.

Até então, o papel das mulheres brasileiras era o de conduzir a moral da ordem social; sua participação na vida pública estava concentrada apenas nas atividades religiosas, e a exigência por uma conduta exemplar era constantemente lembrada. O trabalho considerado

pertinente a ser exercido por mulheres seria o filantrópico, este caracterizado como não pago de caráter moral e religioso. Os representantes do poder oficial enfatizavam que, embora o lar fosse o maior espaço de ação das mulheres, as mesmas deveriam se responsabilizar não só por ele, mas também com o cuidado físico e moral da nação.

A constituição outorgada por D. Pedro I, em 1824, no que se refere à educação, o art. 179, inc. XXXII contemplava uma “instrução primária gratuita a todos os cidadãos”. Paz (2006) chama atenção para aqueles que não eram considerados cidadãos no Brasil naquela época, como os afro-brasileiros, povos indígenas, homens livres pobres e mulheres, sendo estes grupos excluídos desta classificação.

Em 15 de outubro de 1827, foi sancionada a primeira lei que regulamentava a criação do ensino público gratuito no Brasil, incluindo a educação para mulheres. O currículo seria diferenciado, para elas, voltado para a formação moral religiosa, a doutrina católica e o serviço doméstico. Existia uma concepção do ensino para a mulher, voltado para seu papel “*natural*”, de boas esposas e mães, princípio este que veio da colônia. Como esclarece Muniz (2003, p. 162):

[...] desde a Contra-Reforma, já se insistia na importância do papel que as mulheres desempenhavam na educação dos filhos e se reconhecia a necessidade de assegurar-lhes uma instrução mínima para melhor cumprir tal atribuição, em Portugal, o ideário iluminista pouco alterou a concepção predominante acerca da educação feminina. De Fénelon (1615-1715), o grande inspirador dos tratados sobre a educação feminina em Portugal no século XVIII, a Ribeiro Sanches (1699-1787) e Verney (1713-1792), observa-se um traço comum de incentivo à instrução das mulheres, restrito ao que se considerava indispensável para sua futura atuação como mães e educadoras.

Pode-se observar a diferença entre os currículos através da Lei Geral do Ensino Elementar, outorgada em 15 de Outubro de 1827, que regulamentou os assuntos seguintes: descentralização do ensino, remuneração dos mestres e mestras, ensino mútuo, currículo mínimo, admissão de professores e escolas para meninas, O documento tornou referência para docentes do ensino primário e ginásio nas províncias:

[...]Art. 12. As mestras, além do declarado no artigo 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º. (sic)

Os estudos de Saffioti (1976) esclarecem que a geometria, disciplina definida como critério para estabelecer os níveis de salário, encontrava-se presente apenas no currículo dos homens. Sendo assim, as poucas professoras ganhavam menos que seus colegas professores.

O estado não se comprometeu com as garantias mínimas que pudessem favorecer um ensino de qualidade para o povo. A educação era vista pela sociedade como uma concessão, sendo o sistema de instrução estatal insatisfatório, deixando a maioria de seus cidadãos, à margem do direito a escolarização. Vieira (2003) lembra que na prática, a lei não foi executada, o estado não se preocupou em criar escolas para a implementação do currículo garantido na legislação. O número de vagas nas escolas católicas era reduzido e com preferência para os meninos.

É importante lembrar que as meninas só tinham direito à escola primária, sendo-lhes negada a continuidade de estudos. A educação feminina era um privilégio das meninas de elite, matriculadas em escolas dirigidas por membros da Igreja Católica, onde tinham aulas de canto, dança, francês e habilidades manuais.

A educação feminina não era a mesma oferecida aos grupos masculinos, enquanto elas aprendiam atividades a serem praticadas na vida familiar de acordo com seus futuros postos de esposas e mães; os meninos tinham um currículo baseado nas fontes de cultura européia.

Louro (1997) comenta sobre a diferenciação do currículo e das funções determinadas a homens e mulheres na sala de aula como professores e professoras:

[...] Embora professores e professoras passem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar, estabelecem-se expectativas e funções diferentes para eles e para elas: são incumbidos de tarefas de algum modo distintas, separados por gênero (senhoras honestas" e "prudentes" ensinam meninas, homens ensinam meninos, tratam de saberes diferentes (os currículos e programas distinguem conhecimentos e habilidades adequados a eles ou a elas), recebem salários diferentes, disciplinam de modo diverso seus estudantes, têm objetivos de formação diferentes e avaliam de formas distintas (1997, p. 95-96).

O espaço educativo era dominado em sua maioria pela presença masculina, os mestres-escolas eram profissionais autônomos que exerciam o ofício da docência livremente como professores particulares. Estes eram bem vistos pelos pais e pela sociedade em geral. Com um novo ordenamento das relações de trabalho, estes mestres-escolas foram se tornando empregados do estado. Este último, por sua vez, não se preocupava com a qualidade da educação que oferecia, pagando baixos salários e transferindo aos professores a responsabilidade pelos insucessos dos estudantes.

Desta forma, instalou-se, gradativamente, a associação do magistério ao desprestígio social, fazendo com que a atuação do homem em escola primária fosse vista como algo desonroso. Deu-se início, então, a evasão do homem como professor as séries de início de escolarização.

A desvalorização do magistério fez com que homens buscassem outras fontes de renda no século XIX,. O novo ordenamento do trabalho e as novas oportunidades de emprego surgidas com a primeira revolução industrial, fizeram com que estes homens antes professores, buscassem postos mais altos na hierarquia social, bem como profissões consideradas de maior *status* para a época.

Com o afastamento dos homens, alguém deveria ocupar a desfalcada sala de aula. O ambiente escolar começava então a se delinear como um possível espaço de atuação profissional para mulheres. Era preciso solucionar o problema dos professores e investir em um corpo estável que não buscasse no salário o motivo para sua realização pessoal. Procura-se então espalhar pelo imaginário social das mulheres a missão de educar, o discurso da vocação, estas estariam ajudando no cuidado a crianças pequenas, ao desenvolvimento das habilidades escolares da população.

O discurso social se fundamentava em ensinar para as crianças como um atributo feminino, em que suas ações deveriam ser pautadas no amor e não nas recompensas materiais. As mulheres agora ocupavam uma posição de servidoras da pátria, assumindo uma atividade de aprovação social, antes só concedida através do casamento. Uma nova possibilidade estava sendo construída, a oportunidade de participar da vida pública, um bom começo na superação de limites que a ideologia patriarcal as impunha.

Em um tempo no qual o controle dos comportamentos das mulheres era intenso, a possibilidade de continuar os estudos possibilitava a esperança de uma maior participação nas decisões e superação dos limites da vida doméstica. Enquanto homens buscavam novas oportunidades de trabalho, surgidas tanto no setor público quanto privado, as mulheres eram convidadas ao trabalho de ensinar. Educar crianças passaria então, a se tornar uma extensão do lar, do maternal, a ser cumprida fora do ambiente doméstico, como parte das qualidades “naturais” das mulheres que começariam a ser valorizadas, a partir da prática do amor, do cuidado com o outro, da doação e do serviço caridoso.

A partir de 1889, a tendência pela ocupação de mulheres nas escolas de início da escolarização fica ainda mais evidente. Chamon (1996 p. 87) destaca dois fatos importantes que exemplificam esta ocupação: a criação de escolas normais estaduais em 1871,

possibilitando o treinamento de mulheres para o magistério e o estabelecimento de uma co-educação da infância em 1879 a ser ministrada por mulheres.

No ano de 1889, com a instauração da república, a rede de ensino público foi ampliada, colocando um novo mercado de trabalho disponível a homens e mulheres. As décadas 1900 e 1910, consecutivamente, demonstraram aumento no número de mulheres em relação aos homens na entrada no ensino público. A escola normal assumia a função de preparar as mulheres para a profissional e nobre missão de ensinar. Os currículos das escolas começam a mudar, entretanto sem perder a essência da formação para a moral e obediência.

Neste contexto, as mulheres seriam melhores para executar as tarefas escolares, as mesmas que em âmbito doméstico tinham habilidades de organização, higienização, senso de tempo e espaço. Profissionais ideais para contribuir na construção de uma nova cultura, de uma nova ordem com boa formação para os cidadãos da república.

Todo este processo está marcado pela subjetividade instituída para a mulher ocupar o espaço de sala de aula e as representações sociais produzidas pela força das ideologias do estado, ainda se propagam na história da educação brasileira até os dias de hoje.

Homens e mulheres assumem funções na incipiente industrialização, tendo uma extensa jornada de trabalho, em média, 12 horas por dia. É nesse período que um grande contingente de mulheres passa a atuar como professoras nas vagas deixadas pelos homens que vão para as fábricas, lutando e resistindo contra discriminações e preconceitos. Contudo, eram submetidas a algumas diferenças, dentre elas um salário inferior aos que recebiam os homens.

Quando as mulheres passaram a assumir a sala de aula, elas se ocuparam de um universo marcadamente masculino. Exercer a docência foi visto por elas como uma grande conquista, já que agora poderiam sair da vida doméstica e exercer atividades na vida pública sem que isso comprometesse sua imagem perante a sociedade.

Diante dessa nova realidade econômica, foi consolidando-se socialmente a profissão de professora como feminina, amparada em uma concepção, que tinha como pressuposto a escola como extensão do lar e continuidade da maternidade para atuar em educação da infância. Como afirma Carvalho (1998; p 5):

Predomina uma visão maternal e feminina na docência no curso primário, colocando em relevo os aspectos formadores, relacionais, psicológicos, intuitivos e emocionais da profissão, frente aqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico

As insuficientes condições de trabalho e de salário são marcas ainda deixadas pelo estado, mostrando descaso com a educação pública que afastou homens do magistério e ampliaram o espaço escolar para as mulheres que representavam uma mão de obra mais barata; essas mulheres se constituíam em sua maioria pelo grupo da classe média-média e classe média-baixa, que viram a educação como uma possibilidade de exercer uma profissão sem que sua reputação fosse colocada a julgamento.

A feminização do magistério está associada à *taylorização*¹ da educação, as mulheres eram vistas como uma mão de obra mais barata, em que a crescente incorporação das mulheres no mercado de trabalho não as isentou de desempenhar sozinhas as responsabilidades familiares.

Para Novaes (1984), este tipo de trabalho dito reprodutivo, não remunerado e de cuidado não permitia a igualdade de oportunidades e tratamento, afetando a produtividade, a competitividade e debilitando a trajetória de crescimento dessas mulheres, além de interferir na qualidade da vida individual e familiar. Trabalhar não seria uma tarefa digna a ser praticada por mulheres, entretanto caso trabalhassem no magistério, essa concepção poderia ser deixada de lado.

As políticas de incentivo a mulheres em ocupar o magistério não visavam sua profissionalização, mas a manutenção dos princípios morais e conservadores produzidos historicamente.

Todo o imaginário de vocação, cuidado, disciplina, ensino, afeto, ordem, paciência e a idéia de desprendimento dos bens materiais contribuíram para formar o ideal feminino a exercer o magistério. Correntes de pensamento passaram a enfatizar as diferenças “naturais” entre os homens e mulheres e a influenciar as ações desenvolvidas em sala de aula. As características “natas” comuns a mulheres estão em distanciamento da posição social culturalmente construída para o ideal do homem.

De acordo com Melo (1982), o fato do magistério no Brasil ser exercido primordialmente por mulheres já está suficientemente destacado e comprovado, desde a década de 70 do século XX. Esta incidência permitiu Bruschini (1984, 1985) caracterizar o magistério como um dos guetos ocupacionais das mulheres. Amado (1988) relata que são vários os elementos que contribuem para essa situação, principalmente a divisão sexual do trabalho como princípio organizador da predominância feminina no magistério nas regiões

1 Taylorização foi a definição encontrada para caracterizar o trabalho fragmentado. É baseada na teoria de Frederick Taylor. Conduz a uma fragmentação do saber, pois o trabalhador perde a noção de conjunto do processo produtivo. A situação desgastante de rotina e taylorização acaba com o envolvimento afetivo e intelectual que o trabalhador teria com seu trabalho, e essa relação vai se tornando fria, monótona e apática.

menos desenvolvidas, a capacidade de outros setores da economia absorver ou não as mulheres e a presença do setor público como empregador.

Saffioti (1976) e Hypólito (1997) analisam, entre outros aspectos, a história do magistério como possibilidade de educação feminina secundária, sua consolidação como profissão feminina, a constituição de uma hierarquia profissional neste campo através de decisões administrativas e a origem de classe de sua clientela. Eles esclarecem que há evidências de que o magistério teve a função de estratégia de ascensão social para certas mulheres, o que favoreceu sua procura como possibilidade profissional.

No próximo tópico será possível relacionar as questões referentes a relação entre gênero e o trabalho pedagógico, queremos compreender quais são as atividades desenvolvidas em ambiente escolar que acabam por afastar homens dos anos de início da escolarização.

2.3 - Gênero e trabalho pedagógico

Se as instituições e as práticas sociais são constituídas pelos gêneros, essas também reproduzem e fabricam os sujeitos que vão perpetuar as características, papéis e concepções de manutenção das relações de poder. É possível descrever a escola como um espaço que se tornou historicamente, um ambiente de formação para meninos e meninas, homens e mulheres e dentro dela se perpassa as relações de gênero.

É pertinente pensar na instituição escolar como um espaço de reflexão e construção das percepções culturais e sociais de papéis de homens e mulheres. Partindo deste pressuposto, existem diferenças entre homens e mulheres a partir da questão do gênero?

Para compreender melhor as características atribuídas histórico/culturalmente como femininas e masculinas é pertinente entender como estes princípios foram construídos. Grande parte da literatura que focaliza as relações de gênero define o ser humano como sexuado, homem-mulher, mulher-homem. Nestes estudos, as características são atribuídas aos sexos, como por exemplo, o trabalho, agressão e transformação atribuída ao masculino, e o cuidado, existência e comunhão com a realidade atribuída ao feminino. Entretanto, o feminino encontra-se presente tanto na mulher, como também é um princípio constituidor da identidade do homem e o masculino também se configura como um princípio das mulheres. Os dois se complementam na construção de identidades.

Podemos apreender que as masculinidades e as feminilidades são fenômenos contraditórios, que normatizam características de homens e mulheres. Sendo assim é possível falar e pensar em uma dinâmica do gênero em que se tenha feminilidade nos homens e

masculinidades nas mulheres. Essa dinâmica permitiria pensar nas relações estabelecidas entre ambos os sexos além de sua condição biológica, permitindo um maior desenvolvimento de sua identidade, integrando o masculino ao feminino ou vice-versa.

Tanto o masculino quanto o feminino são construções sociais, que muitas vezes se diferem de uma sociedade para outra, e até dentro de uma mesma sociedade. Suas particularidades dependem dos grupos ao qual pertencem, sejam eles étnicos, sexuais, de classe, etc. Logo não existe uma forma engessada de ser homem ou de ser mulher.

Nessa perspectiva podemos pensar na escola como um espaço generificado,. Por ela perpassa concepções a respeito das identidades de gênero e muitas vezes são também reafirmadas como retrato de toda uma sociedade. Há estudiosos que consideram a escola como um espaço feminino, já que este é primordialmente um lugar de atuação de mulheres. Além disso, as atividades desenvolvidas na escola estão marcadas por características ligadas intimamente ao feminino, como o cuidado e a vigilância. No entanto, sabe-se que as diferenças entre meninos e meninas vão além de características físicas e sexuais, envolvendo também o cognitivo, o social e o emocional, sofrendo influências biológica e culturais.

Em contrapartida, Louro (1997) expõe que outros grupos de estudiosos definem que a escola constitui-se masculina, pois é um espaço de produção do conhecimento, este último que foi historicamente produzido pelos homens. E a escola não lida com qualquer tipo de conhecimento, inclui alguns aspectos culturais, reproduzidos e fiscalizados por ela. Então argumenta-se que, ainda que os agentes do ensino possam em sua maioria serem mulheres, elas ocupam um universo construído sob a ótica de homens. Podemos ressaltar que anterior a feminização do magistério as mulheres estavam exclusas do ambiente escolar, a educação institucionalizada era restrita aos homens.

Os discursos pedagógicos estão fundamentados de que a escola é um espaço que deve se aproximar das relações familiares, sendo suas atividades embasadas no afeto e na confiança. Logo, ela torna-se um espaço semelhante ao lar, este administrado historicamente por mulheres.

Finco (2004) reflete que muitas pesquisas apontam o fato da escola possuir mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos. Porém não se sabe como essa construção aparece nos anos de início da escolarização. Nesta etapa da educação, a escola já ensina a ser menino e a ser menina? Como as crianças se manifestam frente às relações de gênero? As pesquisas sobre gênero e educação mostram que as instituições escolares, através de regimentos, organização dos espaços e da distribuição do tempo, constituem importantes espaços para a formação de crianças e jovens.

É importante lembrar que as crianças, por exemplo, quando chegam a um ambiente de escola, já carregam em si associações e construções a respeito do que é adequado para meninos e para meninas. A escola, por sua vez, acaba por reforçar o que se aprende no lar. As crianças acabam aprendendo e sendo vigiadas no que diz respeito às atitudes e aos comportamentos sexistas dentro da escola. No espaço escolar elas acabam por aprender quais são os deveres de cada sexo, os papéis a serem exercidos por eles, as hierarquias sexuais e características comuns a homens e a mulheres.

O cuidado, por exemplo, está intimamente ligado às características femininas, as mulheres. Em um ambiente de primeiros anos de escolarização em que todas as relações se baseiam neste cuidar, o homem acaba sendo excluído, já que há concepções de que o homem não cuida de aspectos domésticos. Entretanto, essa idéia configura-se como equivocada, já que o cuidado deve permear e permeia todas as relações de ser humano para ser humano. Mesmo quando o homem não está ligado intimamente ao cuidado de trocar fraldas e das atividades domésticas em geral. Ele cuida tradicionalmente para que não falte nada em casa do ponto de vista material, cabendo a esposa o cuidado com a casa e os filhos. Contudo, essa concepção vem sendo modificada na medida em que as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho assumindo outras profissões. Sendo possível um novo ordenamento em que homens também acabam ficando em casa e as mulheres trabalhando fora.

A tarefa de cuidar em ambiente doméstico por vezes é destinada a outras mulheres de preferência, sejam elas, empregadas domésticas ou professoras de escolas no início de escolarização. Para fomentar essa discussão é possível se basear no conceito de cuidado defendido por Boff (1999) ao falar sobre o “Saber Cuidar”. Ele reflete sobre as características da feminilidade e da sua relação com o cuidado, além de mostrar também a importância do conceito de cuidado para as relações humanas. Para ele os valores masculinos e femininos foram construídos desde a pré-história da humanidade. O valor masculino começou a ser predominante a partir do período neolítico, neste último, há aproximadamente dez mil anos atrás, os homens assumiram a hegemonia na sociedade, dominando a mulher e a natureza. Existe a suposição de que em um dado momento a humanidade necessitou da dita “força masculina” para vencer batalhas, desde então, se instalou o patriarcalismo que até hoje vigora na sociedade moderna.

Boff (2002, p. 77) destaca, ainda que no período paleolítico, anterior ao citado acima, o matriarcado vigorava e era representado pela ideia do universo como uma grande mãe. Lembra que o feminino sempre esteve presente na história da humanidade e que no

matriarcado vigorava-se o princípio da cooperação. A perda deste princípio levou a um processo de desumanização das relações:

[...] Ao não integrar o feminino em si, o homem se enrijeceu e se desumanizou. Por outra parte, o patriarcado identificou o feminino como à mulher, impedindo-a de uma realização mais completa, com inserção do masculino e dos seus valores no seu processo de personalização e socialização.

Boff (ibid 1999, p. 91), ressalta que o cuidado pode e deve ser entendido como essência humana e ele deve permear todas as relações:

[...] O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida. [...] A atitude de cuidado pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade.

Ao analisar essa questão é possível definir o cuidado como um modo de “ser-no-mundo”, no qual o ser humano constrói sua própria identidade. A dominação do masculino, masculinizou também as relações, o cuidado fixou-se apenas como uma característica da mulher, a mãe, a que gesta, a que dá a luz e a que acolhe. Para Chodorow (1990), as mulheres se dedicam à responsabilidade inicial do cuidado das crianças e sua “maternação” é um dos poucos elementos universais e duráveis da divisão do trabalho por sexos. Em contraponto, Badinter (1993) alega que essa “maternação” não tem sexo, que se aprende no fazer diário, levando a crer que tanto homens e mulheres são capazes de cuidar da mesma forma, apenas depende das experiências de seu contexto socio-cultural.

Para Vieira (2003), o educador e a educadora, sem qualquer distinção de sexo, não importando se é homem ou mulher, tornou-se figura exemplar do princípio do cuidado. Estes profissionais em sua prática ajudam o ser humano a tornar-se humano.

Sendo assim o cuidado se relaciona ao processo educativo. As séries de início da escolarização foram incorporadas ao cuidado maternal, mais uma vez o feminino foi desconsiderado dentro da constituição da identidade do homem. A relação sujeito/objeto envolve a razão, já a sujeito/sujeito perpassa pela emoção, pelo acolhimento presente no Cuidado. Independente da feminização promovida pela sociedade patriarcal ao cuidado, ele é essencial na prática do educador. Caso contrário, as relações promovidas dentro da escola não serão de sujeito para sujeito, e sim de sujeito para objeto, esta última promove a formação, entretanto, não promove a humanização dos indivíduos.

O cuidado revela a dimensão do feminino no homem e na mulher. Um feminino que esteve sempre presente na história da humanidade. Mas que foi reprimido no homem para

prevalecer à masculinidade forçada e encontra-se presente de diferentes formas na sociedade moderna, seja pela repressão de dominação de homens sobre mulheres ou por formas de repressão a homens sensíveis. Connel (1995) lembra que esforçar-se demasiadamente para corresponder a norma dita masculina pode levar à violência, a uma crise pessoal e a dificuldades nas relações entre homens e mulheres.

Homens também gostam de crianças e querem lidar com elas em seu exercício profissional. Badinter (1993) afirma que o amor materno é um mito, que este não é inato na mulher e nem mesmo exclusivo dela, os homens exercem funções maternais tão bem quanto às mulheres, quando as circunstâncias exigem que isto aconteça. O pai pode ser tão sensível e afetuoso quanto à mãe, quando resolve mobilizar sua feminidade.

Almeida (1998) afirma que homens também são professores, são cuidadores da família, enfermeiros, mas que estes fatos passam despercebidos e são constantemente ocultados. O homem moderno passa pela exigência de um comportamento distante do afetivo, muitos ainda receiam que a demonstração de afeto, de cuidado e de sensibilidade, características comuns ao feminino, desperte uma pulsão a homossexualidade.

Quando profissionais homens se interessam por áreas como as séries de início da escolarização, há certo estranhamento por parte de unidades empregadoras e comunidade escolar. Albuquerque (2001) explica a suposição que crianças desta faixa etária necessitam de constantes cuidados físicos e emocionais e que estes serviços são atribuídos às mulheres, o que reforça a ideia do fator biológico como influência na profissão do magistério.

Inseridos neste contexto histórico-cultural, o profissional do magistério idealizado e esperado é aquele que possui entre suas habilidades compreendidas como naturais, para uma boa interação com as crianças: a afetividade, a emotividade, a dedicação e o cuidado. Características culturalmente relacionadas ao feminino na sociedade. Partindo deste raciocínio estas habilidades estão restritas a elas, logo somente as professoras poderiam dar uma educação integral e adequada às crianças, que iniciam seu processo de escolarização, tanto nos aspectos afetivos e cognitivos, quanto moral.

Esse argumento é demonstrado na percepção dos pedagogos sobre a relação entre esses anos de escolarização e as atividades maternas. Carvalho (1998), ao focar o ensino de séries iniciais confirma que predomina uma visão feminina e maternal da docência nos cursos primários, colocando em evidência os aspectos formadores, relacionais, psicológicos intuitivos e emocionais da profissão, frente aos aspectos socialmente identificados com a masculinidade, como a racionalidade, a impessoalidade, a técnica e o conhecimento científico.

À Educação da infância coube o papel de aliar cuidado e educação aos menores de seis anos de idade, principalmente após a década de 30 do século XX. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4.024 de 1961 foi a primeira que realmente apresentou competências que legislassem a educação nacional, e, mesmo que pouco, dedicou dois de seus artigos à educação dos menores de sete anos. Precisamente estes artigos tratam da educação pré-primária destinadas às crianças menores de sete anos em escolas maternas e jardins de infância, além da oferta por empresas deste atendimento, por conta própria ou juntamente com poderes públicos, a filhos de suas funcionárias. A estas instituições cabia o papel de assistência, cuidado, higiene e alimentação, preparando estes para aceitar sua realidade e principalmente sua condição social.

Em estudo realizado por Sarmiento (2004), um dos sujeitos da pesquisa problematiza situações que um educador vivencia ao lidar com crianças de educação da infância, no que diz respeito à higiene. Crianças tomavam banho na própria instituição, visto que em casa não tinham condições para realizar tal atividade, para desvincular a desconfiança de pais em confiar suas crianças a homens em atividades de cuidado como trocar fraldas e dar banho, os pedagogos buscaram estratégias de construção de confiança através de atividades com pais para que estes pudessem compreender a dinâmica desenvolvida no trabalho envolvendo cuidado pertinente aos seus filhos.

O sociólogo francês Molinier (2004) ao estudar as relações entre gênero e profissão, defende que a masculinidade e a feminilidade não podem ser estáticas e nem separadas. A frequência de homens trabalhando como pedagogos e cuidando de crianças pode ajudar na construção de uma nova mentalidade. Conjuntos de fatores sociais acabam por trazer idéias negativas de que todo homem que gosta de crianças é pedófilo, ou que homem não chora, não cuida, não se emociona, não são sensíveis porque estas são características de mulher.

O pedagogo que vê negado o direito de exercer sua profissão em um lugar marcado pela presença de mulheres está sofrendo um tipo de violência: a violência psicológica; está sendo desconsiderado o seu direito de exercer o trabalho que sua formação profissional o permite desenvolver. Percebe-se então que a violência de gênero não atinge apenas as mulheres, mas também homens que fogem ao padrão de dureza determinado pela cultura patriarcal. Para os homens, por exemplo, a falta de trabalho e a impossibilidade de prover materialmente a família são fatores relacionados aos riscos de adoecimento, principalmente o sofrimento emocional (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005).

Sarmiento (2004) defende que assim como em outras categorias profissionais, homens e mulheres são necessários no magistério. Antes que homens e mulheres possam obter

oportunidades e status iguais, é preciso que se tenha um novo ordenamento das forças de trabalho, onde se prevaleça o respeito mútuo.

Em acordo com Connel (1995), uma nova política de gênero significa uma nova ótica, um novo pensamento, desconstrução de culturas repressoras. O autor deixa a reflexão de que só chegaremos a algum lugar no momento em que fotos de homens empunhando armas se tornarem raras e fotos destes mesmos homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comuns. Com base nisso é necessário promover a mudança de uma cultura de violência para uma cultura de paz, desconstruindo e reconstruindo vivências a respeito da masculinidade tanto nas organizações educativas como em outros espaços.

No próximo tópico serão analisados os dados da pesquisa através dos relatos dos professores nas entrevistas assim como os resultados obtidos no questionário aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília.

3. MÉTODO

3.1 – Procedimentos metodológicos da investigação

a) A pesquisa qualitativa

A investigação foi desenvolvida seguindo uma abordagem qualitativa. A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pela possibilidade de abranger com maior profundidade os significados e valores atribuídos a este tipo de pesquisa.

De acordo com Holanda (2006), a análise qualitativa se preocupa com uma realidade que não pode ser quantificada, ou seja, trabalha o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, sentimentos e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem se reduzir a operacionalização de variáveis. O autor ainda relata que os métodos qualitativos se descrevem como modelos diferenciados de abordagem empírica, especificamente voltada para os chamados “fenômenos humanos”, ou seja, como métodos que fogem da tradicional conexão com aspectos empíricos tais como medição e controle.

A pesquisa se apresenta como um processo irregular e contínuo, dentro do qual são abertos constantemente novos problemas e desafios pelo pesquisador que se orienta pelas suas próprias idéias, intuições e opções dentro da complexa trama da pesquisa.

Nesta pesquisa o pesquisador é implicado no processo. Assim, a noção de neutralidade, enfatizada nos estudos quantitativos, dá lugar, na pesquisa qualitativa, à constante integração entre pesquisador e pesquisado, sendo que ambos têm participação ativa no processo de produção do conhecimento. Segundo Bardin (1977), a interação é indissociável ao fenômeno humano, sendo as relações sujeito-pesquisador um dos principais cenários da investigação.

3.2 – Instrumentos e técnica de pesquisa

Para a realização desta pesquisa, foram realizadas entrevistas semi estruturadas com quatro pedagogos homens e a aplicação de um questionário aos alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

A) Entrevista:

De acordo com Gil (1994) a entrevista pode ser definida como uma conversa, em que o pesquisador pode ficar cara a cara com o entrevistado, tendo por finalidade a obtenção dos dados a respeito do assunto trabalhado. Configura-se como uma forma de diálogo em que o

pesquisar busca coletar informações importantes para seu objeto de estudo, sendo o investigado sua principal fonte de informação.

Entre as vantagens das entrevistas está à possibilidade de atingir um grau de profundidade num determinado assunto, permitindo ao pesquisador esclarecer questões que ainda não foram explicadas. Entre os pontos negativos de uma entrevista está a falta de motivação do entrevistado em responder, a possibilidade de fornecimento de respostas falsas e principalmente a influência das opiniões do pesquisador sobre o assunto a ser investigado.

A opção pela entrevista semi estruturada no presente trabalho foi considerada, pela liberdade do pesquisador em fazer perguntas de acordo com as respostas do entrevistado. Foi feito um roteiro prévio onde foram sendo acrescentadas novas perguntas para melhor compreensão dos relatos. Como um dos desafios deste instrumento na construção do trabalho, esteve à dificuldade em encontrar os entrevistados e ajustar seus horários aos do pesquisador.

As quatro entrevistas semi-estruturadas tiveram em seu roteiro (APÊNDICE- B) questões de caracterização dos participantes, como a idade, instituição de formação inicial, o curso e área de pós-graduação (caso a tenha realizado) e perguntas voltadas as suas experiências profissionais com séries iniciais.

As entrevistas foram feitas a quatro pedagogos, sendo que dois deles atuam nos anos de início de escolarização, outro atua como professor universitário mas já trabalhou com o nível de ensino mencionado durante cinco anos na década de 80; sendo o quarto entrevistado um recém formado do curso de Pedagogia.

B) Questionário:

O questionário é um instrumento de coleta de dados com questões a serem respondidas sem a intervenção direta do pesquisador. Tem como objetivo conhecer opiniões, interesses, crenças, etc. (GIL, 1994). Um questionário pode ser composto de perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Visa recolher informações baseando-se, geralmente, na opinião de um grupo representativo da população em estudo. Uma das vantagens do questionário está na possibilidade de abranger um maior número de pessoas, além de ser extremamente útil quando investigador pretende recolher informações sobre um determinado tema. Entre as desvantagens do questionário está a impossibilidade de aplicá-lo a pessoas analfabetas; é possível que algumas perguntas fiquem sem respostas; e impede o conhecimento aprofundado de algo que posteriormente pode ser importante na análise da pesquisa.

A coleta de dados desse trabalho contou com a aplicação de um questionário (APÊNDICE – A) aos alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB, a fim de conhecer o perfil dos estudantes de acordo com o sexo, suas vivências na universidade e fora dela no que diz respeito às séries de início de escolarização e o fato deles serem homens dentro deste curso. Utilizou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas aplicado a 20 alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Indicados os procedimentos metodológicos, os instrumentos e a técnica de investigação empregados nesta pesquisa, no tópico seguinte são apresentados os participantes e a interpretação dos dados coletados.

3.3 – Participantes²

A pesquisa proposta caracterizou-se como um estudo descritivo-interpretativo, com a intenção de descrever os relatos vivenciados por pedagogos que trabalham ou trabalharam com séries de início de escolarização e interpretá-las a fim de cumprir os objetivos propostos.

As interpretações relativas aos conteúdos das falas foram agregadas em unidades e classificadas de acordo com a categorização de núcleos temáticos. Sendo os nossos participantes:

Ramiro, graduado em Pedagogia há três anos em Instituição Pública de Ensino Superior. Trabalha com séries iniciais há dezesseis meses como professor regente e demonstrou muita satisfação na realização de seu trabalho.

Vladimir, recém formado. Atua numa Biblioteca para Deficientes Visuais, relata ter escolhido o curso de Pedagogia pelas possibilidades de atuação além da sala de aula como a Pedagogia Hospitalar e Empresarial. Não atua como Pedagogo, suas experiências estão restritas aos estágios realizados em disciplinas cursadas em sua graduação.

Pablo é graduado em Pedagogia com Pós Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional com ênfase em Educação Especial. Tem cinco anos de formado sendo quatro atuando como professor de séries iniciais, e dois anos como professor de Educação da infância. Atualmente trabalha como professor do 5º ano do Ensino Fundamental numa escola privada do Distrito Federal e desenvolve também atividades com o I Segmento da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Igor é professor universitário, formado em Enfermagem e Pedagogia. Fez mestrado em Educação e doutorado em Sociologia. Trabalhou com séries iniciais nos anos oitenta

² Os nomes Ramiro, Vladimir, Pablo e Igor são fictícios, para que seja preservada a individualidade e o sigilo dos participantes.

durante cinco anos. Orienta trabalhos de conclusão de curso e desenvolve pesquisas na área de Políticas Públicas na Universidade.

3.4 – Respondentes do questionário

Foram aplicados aleatoriamente 20 questionários, compostos também por questões abertas, aos estudantes do sexo masculino do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília; em que os mesmos responderam sobre a expectativa para o mercado de trabalho, suas justificativas para a escolha do curso e suas impressões da docência de acordo com suas vivências acadêmicas.

3.5 - Procedimentos de construção das informações

O pesquisador buscou os quatro participantes, e realizou entrevistas semi-estruturadas. Configurou-se um desafio localizá-los, já que como confirmado neste estudo, sua presença em séries de início de escolarização não é tão comum.

Após localizá-los, os mesmos foram convidados a realizar as entrevistas individualmente na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. O resultado foi gravado e transcrito da maneira com que os fatos e relatos foram apresentados o que permitiu o registro das informações na íntegra. Durante as entrevistas foram realizadas algumas anotações acerca dos acontecimentos naquele momento. Cada entrevista teve a duração aproximada de quarenta e cinco minutos. As mesmas foram realizadas cara-a-cara visando uma maior interação entre o pesquisador e os entrevistados.

Somente uma entrevista do entrevistado Igor foi realizada fora da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, sendo realizada em sua sala de orientação, devido ao excesso de demandas do entrevistado.

O critério utilizado na escolha dos participantes se baseou na experiência em séries iniciais de dois pedagogos, nos relatos de um pedagogo que atuou no fim da década de 80 início de 90, e nas impressões de um recém formado. Sendo possível assim compreender através de seus relatos qual a percepção destes profissionais sobre a atuação de homens em séries de início de escolarização, suas perspectivas e histórias na profissão.

Antes de cada entrevista foram fornecidos dados sobre o tema da pesquisa e seus objetivos. Em seguida, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE-C), em que concordaram participar da pesquisa e foram informados que seus nomes seriam preservados.

3.6 - Procedimentos de análise das informações

As quatro entrevistas realizadas com os profissionais foram gravadas e transcritas literalmente, o que permitiu a análise das falas de caráter construtivo-interpretativo bem como investigar como os profissionais percebem suas atuações diante de um mercado de trabalho exercido principalmente pelo público feminino. Os questionários foram tabulados e analisados a fim de conhecer a percepção dos estudantes homens sobre o curso de Pedagogia.

4.0 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este título visa apresentar e discutir os resultados da pesquisa realizada. A partir das transcrições e compressão dos dados, foram definidos temas para análise sendo estruturados três casos:

No primeiro tópico foram analisadas as falas dos pedagogos que possuem experiência nos anos de início da escolarização. Sendo seu objetivo compreender a visão e a percepção dos pedagogos sobre o curso de Pedagogia, relembrando sua trajetória desde a escolha até o contato com o mercado de trabalho e revelando suas percepções sobre sua atuação.

O segundo tópico é composto pela análise dos questionários aplicados aos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. As análises deste caso visam conhecer o perfil destes estudantes, o motivo da escolha, quais os caminhos que tomam durante a graduação e quais os seus objetivos profissionais após a formatura.

O terceiro tópico constitui-se através da análise dos relatos de um recém formado em Pedagogia, revelando suas opiniões e percepções a respeito da atuação dos homens nas séries de início de escolarização.

As falas de cada entrevistado foram descritas e analisadas separadamente e coletivamente visando aprofundar fatos e impressões pertinentes ao tema deste trabalho. Ao lado de cada fala será colocada, entre parêntese, a identificação do profissional, pelo nome fictício.

4.1 As vivências e percepções de três pedagogos nas séries de início da escolarização.

a) A desvalorização do curso de Pedagogia.

Segundo Manoel (1996), existem profissões que ao longo do tempo ganharam características próprias a homens e a mulheres. Podemos citar, por exemplo, a de professor (a) que foi criada de homens para homens, já que as mulheres não tinham direito a escolarização, pois desde o início da colonização até o Brasil Império, eram vistas como cuidadoras do lar, dos filhos e do marido, não necessitando investir em conhecimento.

No que se refere à educação, percebe-se uma forte relação dos primeiros anos de escolarização com trabalho feminino. A escola é permeada pela associação de seu espaço ao ambiente familiar. A feminização do magistério onde homens se afastaram da profissão docente dando espaço para mulheres, constitui-se como um fator importante que contribuiu na concepção da escola como uma seqüência do lar, permitindo uma maior aproximação das mulheres a este espaço e conseqüentemente contribuindo para o afastamento de homens. A razão relacionada ao homem dá lugar à emoção culturalmente associada à mulher.

Segundo Mello (1982), o processo de feminização acarretou transformações no plano simbólico da profissão, resultando não só na ampliação da participação da mulher nas atividades educativas, como na própria prática docente assumida pelas professoras. A ação exercida em sua maioria por professoras nesse ambiente está muito ligada aos aspectos familiares, com a figura do tio e da tia, por exemplo. Como afirma o entrevistado Ramiro:

[...] ao formar, todos diziam, ou pelo menos boa parte deles, agora é correr pra sala de aula e ser titio. Ficava triste com esse tipo de comentário. Assim como eles, muitos não conhecem de fato os caminhos exatos da Pedagogia como ciência da vida (Ramiro).

Freire (1993), afirma que quando a criança chama o professor de “tio” há uma desvalorização do professor, este deve ser chamado como profissional competente, mas não “tio”. Chamar o professor de “tio” ou “tia” reforça a idéia de não profissionalismo nas classes de início de escolarização, sendo este campo de trabalho caracterizado como uma seqüência do lar. Muitas vezes pensado quando pais e mães de crianças precisam trabalhar e não tem com quem deixá-las para serem cuidadas e vigiadas. Cabe então esta tarefa a escola, entretanto neste contexto é desconsiderado o seu aspecto formador, educador e profissional.

Tal fato é explicitado pelo informante Pablo, em que o mesmo destaca a representação das pessoas que não conhecem os objetivos do curso de Pedagogia, restringindo-os as tarefas exercidas por babás:

Geralmente as pessoas que não conhecem o trabalho do Pedagogo, que acham que o pedagogo simplesmente serve para cuidar de criança ou fazer trabalho de babá. [...] Tiveram algumas pessoas que me criticaram quando escolhi o curso e disseram: “não, mas Pedagogia? Logo Pedagogia? Vai virar babá?” (Pablo).

Essa visão reducionista e equivocada do curso acaba por desvalorizá-lo. A evasão de homens da profissão continua sendo justificada pelos baixos salários e o desprestígio da profissão. O que se percebe é um grande número de estudos ligados a profissão docente. Estes estudos utilizam a categoria gênero para enfatizar a voz e a condição das mulheres, uma vez que enfatizam apenas a voz das mulheres, acabam deixando de lado como os homens constroem as relações com o conhecimento, com a escola e a profissão.

Podemos destacar outro fator que contribui para a desvalorização, o fato das séries de início de escolarização estar intimamente ligadas aos aspectos relativos ao cuidar. Para Nascimento (2005, p. 34), na história da sociedade brasileira o cuidado sempre foi delegado a aquelas pessoas que possuíam menor grau de instrução, sendo este ato sempre considerado uma tarefa de menor destaque e reconhecimento:

[...] Na história da sociedade brasileira que tem a servidão e a escravidão como marcas muito fortes, o cuidado quase sempre foi delegado – e relegado – àquelas pessoas com menor grau de instrução, ou seja: quem aprendeu a fazer outra coisa ou quem não teve a opção de escolha (quem é servo ou escravo). O ato de cuidar aparece sempre relacionado a uma tarefa menor, sem prestígio ou reconhecimento. É uma obrigação daqueles que são explorados [...]

É perceptível que com a feminização do magistério, os homens se afastaram da profissão para exercer postos de maior prestígio no mercado de trabalho, perdurando até os dias de hoje. Tal como afirma Costa (1995, p.162) sobre o magistério “quanto menos profissionalizado é um campo, mais facilmente ele vai se feminizando. E mais os homens dele se afastam, pois profissões feminizadas são profissões mal remuneradas”. Para Ferreira (1999, p. 42) “a profissão não teria sido desvalorizada pelo fato de ter se tornado uma atividade feminina, mas também, dialeticamente, pelo seu contrário: ter se tornado feminina por estar desvalorizada”. O que é explicado pelo fato dos homens serem constantemente cobrados a exercer profissões que os possibilitem maior salário e status. Tal fato os leva a “fugir” de profissões como educação da infância, por exemplo, a desvalorização do professor é o

principal fator motivador para o afastamento destes homens, como veremos no próximo tópico.

b) A desvalorização do professor dos anos de início da escolarização.

O curso de Pedagogia e as próprias áreas ligadas à educação, não são profissões de status na atualidade, embora tenha extrema importância no desenvolvimento dos indivíduos, sendo o professor aquele irá preparar qualquer que seja o profissional a executar outras profissões como a medicina, o direito, etc.

A desvalorização do professor acontece por uma questão histórica, percebe-se um afastamento não só de homens dos anos de início da escolarização, mas também de mulheres que acabam por deixar de lado o desejo de exercer a profissão para garantir uma melhor estabilidade financeira. O entrevistado Igor, professor universitário do curso de Pedagogia relata sobre essa questão do desinteresse dos estudantes em exercer a docência:

Eu diria até que hoje grande parte dos alunos que fazem pedagogia não quer ir para a docência. Isso independe da questão feminina e masculina. Por questões de mercado de trabalho e da desvalorização dos professores no país (Igor).

Igor ainda destaca a importância de se ter uma postura pró-ativa, na busca pela mudança de concepções reducionistas do curso de Pedagogia:

Há a necessidade de revigorar a profissão e discutir inclusive essas questões de como a nossa profissão está inserida na sociedade. Quais são os avanços, os recursos e porque a pedagogia é desvalorizada. Os próprios estudantes têm que lutar também para não continuarem deixando passar algumas impressões, principalmente equivocadas da pedagogia (Igor).

Accácio (2005) fala sobre a preocupação com a profissão docente e mostra que desde os primeiros professores brasileiros no século XVI, o professor das séries iniciais é o profissional mais desprestigiado, seja pela desvalorização monetária do seu trabalho, pela indigência de locais onde o desenvolve, ou pelo abandono a que são deixados pelas autoridades.

Podemos citar como um dos fatores que contribuem na desvalorização do professor das séries de início de escolarização, a redução de sua prática aos aspectos ligados a vida doméstica, de que o professor desse nível de ensino não tem uma formação profissional, de que a tarefa profissional poderá ser executada por toda e qualquer pessoa que desejar, mesmo que essa não tenha feito faculdade.

Podemos relacionar as falas de Igor ao dito por Freire (1993) quando alega que os professores devem lutar em defesa dos seus direitos e de sua dignidade na prática docente, enquanto prática ética e profissional. Não é algo que vem de fora de sua prática, mais algo que também faz parte dela. O fato desse nível de ensino ser visto como algo tão amador e não profissional.

Nesta perspectiva, se a escola assume a concepção doméstica e não profissional, sendo as atividades pedagógicas aliadas a representações da ação de docentes com a seqüência do lar, este que por sua vez encontra-se intimamente ligado a figura das mulheres. Configura-se como uma tarefa difícil aceitar um homem como professor das séries iniciais de escolarização, já que suas atividades serão desenvolvidas com base na maternagem, no assistencialismo, nas atividades sensíveis, associadas às mulheres e opostas aos sentimentos considerados pertinentes a homens. Toda essa dinâmica torna difícil à compreensão de que um homem dentro deste ambiente é um profissional como qualquer outro, não um intruso no espaço escolar. Os homens então são direcionados a outros campos, aos campos da educação ligados as atividades de status e poder, como veremos no próximo tópico.

c) O direcionamento de homens as atividades de poder.

Deve-se considerar que a cobrança social em torno da auto-suficiência masculina na sociedade atual existe e na maioria das vezes não é percebida. O lugar e a condição dos homens e das mulheres no mundo ocidental contemporâneo têm sido muito discutidos. Tradicionalmente a construção do que é *ser homem*, contraposta ao que é ser mulher, tem sido hegemonicamente associada a um conjunto de idéias e práticas que identificam essa identidade à virilidade, à força e ao poder advindo da própria constituição biológica sexual.

Carvalho (1998) aponta que os papéis de gênero nos são ensinados como próprios da condição de ser homem ou ser mulher, configurando-se enquanto uma imagem idealizada do masculino e do feminino, de modo que não percebemos sua produção e reprodução social.

Após a feminização da escola, o desinteresse por parte de homens pela profissão se elevou. Estes muitas vezes não enxergam esse espaço como um local adequado para o exercício e preservação de sua imagem culturalmente construída em relação à dominação, autoridade e poder. Entretanto existem atividades que podem proporcionar aos homens maior visibilidade no espaço escolar e uma melhor aceitação de sua presença neste ambiente tão feminilizado.

Relacionando aos aspectos ligados as atividades exercidas dentro de um contexto escolar, uma das formas do homem ser bem visto neste espaço é como diretor. Um dos nossos entrevistados, Ramiro informa que na escola em que o mesmo trabalha, o diretor era bem visto por todo corpo escolar e durante sua fala, acaba brincando por ter esperanças de ser bem aceito caso venha assumir esta função:

A escola teve um diretor anterior à diretora de hoje. Ouvi falar muito bem deste diretor. Fez um bom trabalho. Teve uma boa gestão. Então ainda posso ser visto com bons olhos enquanto homem na escola. Tenho esperança (risos)
(Ramiro).

Souza (2005) defende a idéia de crise que contrapõe o modelo de masculinidade viril, constituída a partir de significados que associam o masculino ao poder, à virilidade e à agressividade, a novas formas de vivenciar a sexualidade e a experiência do que é ser homem no mundo. As novas abordagens abrangem a masculinidade a partir de experiências e práticas concretas dos homens e da dinâmica das inter-relações.

Muito se tem falado em Relações de Gênero na sociedade, recentemente tem se discutido o papel da figura masculina dentro do contexto escolar e principalmente dos anos de início da escolarização. Essas discussões estão baseadas nos questionamentos feitos quanto a habilidades específicas relacionadas a homens e a mulheres, como veremos a seguir.

d) Habilidades de homens e mulheres nos anos de início da escolarização

As representações a respeito da Pedagogia sofrem distorções, vinculando habilidades ao gênero. Isso nos faz pensar em uma afinidade “natural” das mulheres com a área docente e a não identificação dos homens com este espaço. Entretanto não se configura como algo natural, e sim uma imposição promovida por órgãos empregadores e até pela própria condição social de ser homem ou ser mulher. Algumas vezes, são feitas de maneira sutil, e conseqüentemente, acabam passando despercebidas, mas são incorporadas por homens e mulheres diariamente, os enquadrando em um padrão de normalidade e os impedindo muitas vezes de desempenhar os papéis profissionais que desejam. Ramiro considera que as mulheres possuem características intimamente relacionadas ao magistério, como por exemplo, os trabalhos manuais. E que o homem está mais ligado a parte disciplinar:

A mulher é mais cuidadosa e mais aberta para lidar com atividades do magistério como trabalhos manuais entre outros. Já o homem consegue ter uma atenção mais dobrada e detalhada de cada aluno, é melhor para a parte disciplinar **(Ramiro).**

Os homens que resolvem assumir a profissão de Pedagogo e trabalhar nos anos de início da escolarização, acabam por assumir posturas de que esse cargo não é algo ideal a ser executado por eles, de que sua atuação não será vista com bons olhos pelos pais das crianças.

O constante medo dos homens de serem mal interpretados acaba por submetê-los a fazer escolhas em outras atividades profissionais dentro do curso de Pedagogia, sendo estas atividades ligadas à administração e políticas públicas, distanciando-os de práticas sensíveis como cuidado e afeto aos estudantes, o que os fazem acreditar na incompetência ou falta de habilidades para atuarem em profissões que exige práticas culturalmente associadas às mulheres. No próximo tópico analisaremos a presença do gênero masculino nos anos de início da escolarização para compreendermos se a presença dos homens nos anos iniciais os fazem sofrer discriminações e como elas se manifestam na percepção dos pedagogos entrevistados.

e) O estranhamento do gênero masculino nos anos de início da escolarização

A todo e qualquer ser humano existe uma liberdade de escolha que o permite traçar caminhos. Estes muitas vezes são diferente daquilo que se espera. Existem homens que escolhem o magistério como profissão, assim como existem mulheres que se interessam por profissões consideradas de homens tais como ser piloto de fórmula 1 por exemplo. Pedagogos que optaram pela docência muitas vezes rompem as próprias representações e concepções culturais de que o homem não é capaz de cuidar das crianças, principalmente no que diz respeito a sua atividade profissional.

Foi possível perceber que a presença de um homem dentro da escola como professor de anos iniciais causa certo estranhamento em pais e até na administração das escolas segundo os entrevistados. Estes demonstram extrema sensibilidade e vontade de exercer a profissão do magistério, mesmo sendo este um espaço marcado pela presença das mulheres. Todos são muito seguros de sua escolha e de sua identidade masculina. Entretanto existem alguns obstáculos para que eles exerçam o posto de professor desse nível de ensino.

A presença de Pedagogos nos primeiros anos de escolarização é mais frequente dentro de instituições públicas, o que é explicado pelo fato do processo de escolha destes profissionais ser por meio de concurso público, e não através entrevistas subjetivas e sujeitas a julgamentos como acontece em escolas da iniciativa privada.

Para entender a ausência de homens como professores neste nível de ensino nas séries iniciais em escolas particulares, o entrevistado Igor resgata a idéia de a escola particular ser considerada um espaço comercial em que os pais e mães dos alunos compram a educação e o

espaço educativo de seus filhos, como clientes, opinam inclusive no seu quadro de profissionais.

Eu chamo de uma visão mercadológica de educação que faz com que o aluno da escola privada seja visto como um cliente. E se os pais não viam com simpatia, ou não tinham esse conhecimento para entender a importância de um pedagogo do sexo masculino nos anos iniciais, certamente as escolas com o desejo de atender o cliente, que é o pai que paga, não bancariam uma afronta, não os enfrentaria para contratar um professor do sexo masculino (Igor).

São raros os casos em que se relate a discriminação a homens dentro deste nível de ensino, mas são mais frequentes as suspeitas e desconfianças por parte de pais e mães de alunos e clientela em geral. Na maioria das vezes, o que se vê é apenas a ausência desses homens neste espaço, não sendo abertas discussões sobre o porquê de sua ausência.

Igor chama atenção ainda ao fato da escola privada restringir o profissional homem de seu quadro profissional, essa restrição acaba por encaminhar os estudantes a outras áreas de atuação do curso de pedagogia que não são as de sala de aula:

Às vezes na rede privada restringe a participação dos homens nos anos iniciais. Então eu diria que de maneira geral, você percebe uma grande tendência de muitos alunos que não querem a docência. Os homens querem ir para a pedagogia empresarial, coordenação, para outras atividades que não a sala de aula (Igor).

Quando profissionais homens se interessam por áreas como a educação da infância e séries iniciais, por exemplo, há certo estranhamento por parte de unidades empregadoras e comunidade escolar. Albuquerque (2001) explica a suposição de que as crianças nessa faixa etária necessitam de constantes cuidados físicos e emocionais e que estes serviços são atribuídos as mulheres, o que reforça a idéia do fator biológico como influência na profissão do magistério.

Os entrevistados foram questionados se já sofreram ou se tem medo de sofrer algum tipo de preconceito por parte de mães e pais de alunos. Eles afirmaram não ter sofrido preconceito, mas destacaram um certo estranhamento causado pela presença de homens como pedagogos em ambientes de início de escolarização. Como afirma Pablo:

Não sofri preconceito. Mas os pais acham diferente, logo se adaptam. Eles ficam receosos pela minha idade, nem tanto pelo fato de ser homem (Pablo).

Cortez (2008) relata que a representação social deste nível de ensino em relação às figuras masculinas é ainda negativa, identificando-se situações de diferenciação acentuada nos locais de trabalho e na sociedade em geral, podendo ser acusados de desvio sexual e ou

“falhas” no seu papel masculino. Igor fez curso normal e se formou em Pedagogia no fim da década de 80. Ele afirma que nessa época, caso tentasse entrar em uma escola particular como professor de crianças enfrentaria dificuldades:

Na época em que exercia o magistério, acredito que não seria bem visto como professor em uma escola particular. Na época eu não conhecia nenhum homem que dessa aula em escola particular para anos iniciais. Por vários motivos, um pela questão do gênero. Não havia ainda um esclarecimento suficiente de pais que põem seus filhos na escola privada, a importância de ter seus filhos também estudando como professores do sexo masculino (Igor).

Não podemos apenas colocar os pais como preconceituosos ou intolerantes a respeito da figura de um homem como professor de seus filhos neste nível de ensino, os pais na maioria das vezes não possuem o esclarecimento a respeito da importância da referência masculina nesta etapa da vida das crianças.

Rabelo (2008, p.65) resgata a importância de se trabalhar as representações de gênero, já que as mesmas podem influenciar nos conhecimentos apreendidos pelos alunos:

[...] como a escola, e o professor, influenciam em uma das primeiras socializações do indivíduo, é preciso instigar uma revisão de estereótipos e representações de gênero dos professores para que estes sejam transmitidos e absorvidos pelos alunos .

A escola é uma instituição social em que as crianças pequenas participam, sem a presença direta dos pais, e se a sociedade não é composta apenas por mulheres, este primeiro contato poderá ser feito contando também com a presença de homens, buscando uma diversidade deste espaço e criando novas metodologias, e concepções em relação ao gênero.

Segundo Hypolito (1997), lamentavelmente o que se percebe é que na dinâmica do cotidiano escolar, as práticas escolares acabam por classificar os sujeitos a partir das noções pré-concebidas que não refletem a dinâmica e a mobilidade da realidade. A escola perde a oportunidade de assumir compromissos éticos e de novas aprendizagens que contribuam com relações baseadas na justiça social e no respeito aos direitos humanos.

f) O papel positivo da presença de professores homens nos anos de início da escolarização

Nossos entrevistados mostraram que existem aqueles que fogem às regras e imposições, para que os homens assumam determinadas funções e profissões na sociedade e

no mercado de trabalho. Nossos entrevistados, por exemplo, estão neste ambiente de sala de aula nos anos de início da escolarização. Um ambiente composto em sua maioria por profissionais mulheres, entretanto eles gostam do que fazem, escolheram a profissão e se sentem bem dentro dela como percebemos através das falas e declarações. Pablo afirma:

Gosto muito do que faço! Amo mesmo! Mas a carreira de Magistério é muito desgastante. Vemos todos os dias colegas, amigos queridos se afastarem por conta de problemas de saúde. Nesse sentido, pretendo trabalhar dentro da área educacional, mas dentro de outro setor de atuação (Pablo).

Ele enfatizou que ama o que faz: ser professor! Entretanto, Apesar de amar, considera a sala de aula desgastante, logo pretende continuar trabalhando na área educacional, mas em outro setor de atuação. Em nenhum momento durante a entrevista Pablo afirma ter enfrentando dificuldades por ser homem ou ter pensado desistir por essa condição. A fala dele mostra que o fator do gênero não o faria desistir, entretanto o desgaste sim, esse desgaste pode ser entendido tanto em questão de stress como também da desvalorização da área como visto anteriormente.

Igor enfatizou a presença de homens nas séries de início de escolarização fundamental, pela importância de uma referência masculina na escola. E torceu para que o professor de sua filha de nove anos estudasse na turma em que um homem estivesse lecionando:

Eu considero a presença dos homens como fundamental, tanto é que eu tenho uma filha hoje no quarto ano de escolaridade, que honestamente, na escola que ela estuda só tem um professor do sexo masculino, que no caso da aula para aluno de quinto ano, mas eu quando fui levá-la a escola esse ano no primeiro dia. Eu torci para que ela fosse estudar com um homem. E lamentavelmente ela não foi para a turma desse professor (Igor).

Podemos pensar sobre os limites da escola, se ela precisa ser um espaço dominado ou não, seja essa dominação feita por homens ou por mulheres. Nesta perspectiva Pablo traz uma importante contribuição:

Não considero a escola um espaço nem para a ação de homens e nem de mulheres especificamente. Acredito na escola como um espaço de construção humanitária, não sendo definida sua ação pela presença de homens ou mulheres (Pablo).

A presença de homens nas séries de início de escolarização ajuda no equilíbrio dos gêneros, o que é importante na construção das identidades das crianças, na desconstrução de

seus referenciais sobre o que é adequado a ambos os sexos. Existem crianças que não possuem em casa referências paternas e é importante a imagem de homens também neste espaço, tendo em visto que a sociedade não é composta apenas por mulheres. Ramiro percebe que há gestores que gostam de ter uma equipe escolar extremamente feminina, assim como outros gestores gostam de mesclar os sexos. E demonstra gostar de fazer parte deste universo:

Tem gestores que gostam sim de ter uma equipe escolar extremamente feminina, já outros gostam de mesclar os sexos. [...] Sou o bendito ao fruto entre as mulheres. Faço a diferença e posso levar mais um pouco para minha carreira. Gosto de estar em sala de aula e pretendo continuar por um bom tempo (Ramiro).

Apesar da resistência de alguns pais e até mesmo de instituições de ensino infantil, os entrevistados conseguiram se firmar como educadores dando aulas para crianças em suas escolas, trazendo para elas outros referenciais, novos olhares sobre os conteúdos dados, contribuindo na desconstrução de concepções errôneas e preconceituosas arraigadas em nossa sociedade.

O próximo tópico tem como objetivo conhecer a percepção dos estudantes do curso de pedagogia da Universidade de Brasília – UnB e quais as suas perspectivas profissionais ao fim do curso.

4.2 A escolha do curso de Pedagogia pelos homens

a) O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB, forma profissionais para o a docência da educação da infância ao quinto ano do Ensino Fundamental e para a gestão do trabalho pedagógico em espaços escolares e não escolares.

Seu currículo contempla a formação docente e a atuação do pedagogo em diferentes campos de aprendizagem: gestores da prática educativa em áreas hospitalares, escolas, empresas, movimentos sociais, organizações militares e planejamento, implementação e avaliação de políticas públicas para Educação Básica e a orientação educacional. A formação acadêmica dos estudantes do Curso de Pedagogia compreende a relação entre ensino, pesquisa e extensão, com a construção teórico-prática dos conhecimentos no campo educativo. Articula conhecimentos sociológicos, políticos, antropológicos, ecológicos, psicológicos, filosóficos, artísticos, cultural e histórico.

Sua base curricular é a preparação para a docência, entretanto o profissional poderá trabalhar em qualquer ambiente que ocorra relações humanas, em que desenvolvam processos pedagógicos, podendo exercer atividades de planejamento, implementação e avaliação de programas e projetos educativos em diferentes espaços organizacionais. Sendo assim sua atuação dos pedagogos não está restrita a dar aulas para as séries iniciais dos ensinos infantil e fundamental.

A graduação alia teoria e prática desde o primeiro semestre, com a realização de cinco projetos ao longo dos períodos. O projeto 1 visa a integração do estudante no curso de Pedagogia, apresentando a ele a universidade e suas possibilidades de crescimento acadêmico, além de provocar a reflexão sobre o processo de escolha do curso e quais os objetivos que os “calouros” pretendem alcançar. No projeto 2 os estudantes começam a discutir e conhecer o histórico do curso de pedagogia, como ele se encontra inserido na estrutura do mercado de trabalho e quais são as possibilidades de atuação do profissional após formado. Os primeiros contatos com a pesquisa acadêmica do curso de Pedagogia se dão através das fases 1, 2 do Projeto 3, sendo a fase 3 optativa. O projeto 4 é o estágio obrigatório, composto de 2 fases, uma delas deve ser preferencialmente realizada na docência, podendo a segunda fase ser praticada em espaços não escolares. O projeto 5 é constituído pelo trabalho final de curso (TCC).

Há, ainda, a possibilidade de fazer a graduação a distância, por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e do Programa Pró-licenciatura. A diretoria do curso presencial e a distância está no Campus Darcy Ribeiro, o estudante pode optar por prestar o vestibular para o turno diurno e noturno se tratando do curso presencial. São 216 créditos exigidos para formatura, sendo cada crédito correspondente a 15 horas aula.

b) Aplicação dos questionários

Foram aplicados aleatoriamente 20 questionários compostos também por questões abertas aos estudantes do sexo masculino do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Eles responderam sobre as expectativas para o mercado de trabalho, suas justificativas para a escolha do curso e suas impressões da docência de acordo com suas vivências acadêmicas.

Inicialmente foi feito um levantamento sobre o número de estudantes matriculados no curso presencial de Pedagogia da Universidade de Brasília, a fim de verificar o quantitativo de homens no curso, e sua proporção numérica em relação às estudantes do sexo feminino. Os questionários aplicados seguiram a média de 10% entre o universo estudado.

c) Perfil dos estudantes homens do curso

As perguntas iniciais do questionário tiveram como objetivo traçar o perfil básico dos estudantes, como o número de estudantes homens e mulheres, faixa etária, semestre, turno e se trabalham. Foi obtido o seguinte resultado:

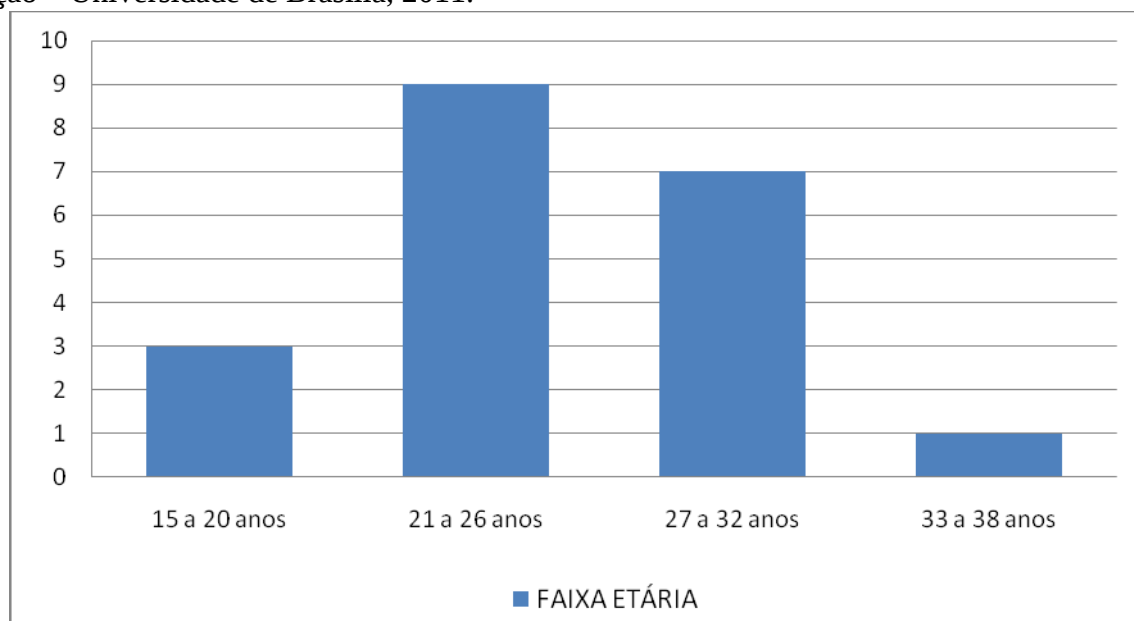
➤ Sexo e Turno

São 1014 estudantes no curso. A diferença numérica entre estudantes do sexo masculino e feminino é elevada. São 86 homens e 550 mulheres no diurno, 269 mulheres e 107 homens no noturno. Os dados confirmam o fato de um curso de Pedagogia ser composto em sua maioria por mulheres. Do universo de homens, 20 responderam ao questionário, sendo 12 estudantes do noturno e 8 do diurno.

➤ Faixa etária

A faixa etária dos estudantes está concentrada entre 21 a 26 anos, totalizando 9 ;7 tem entre 27 e 32 anos, 3 entre 15 e 20 anos e 1 entre 33 e 38 anos. No universo do questionário não há estudantes com menos de 15 anos.

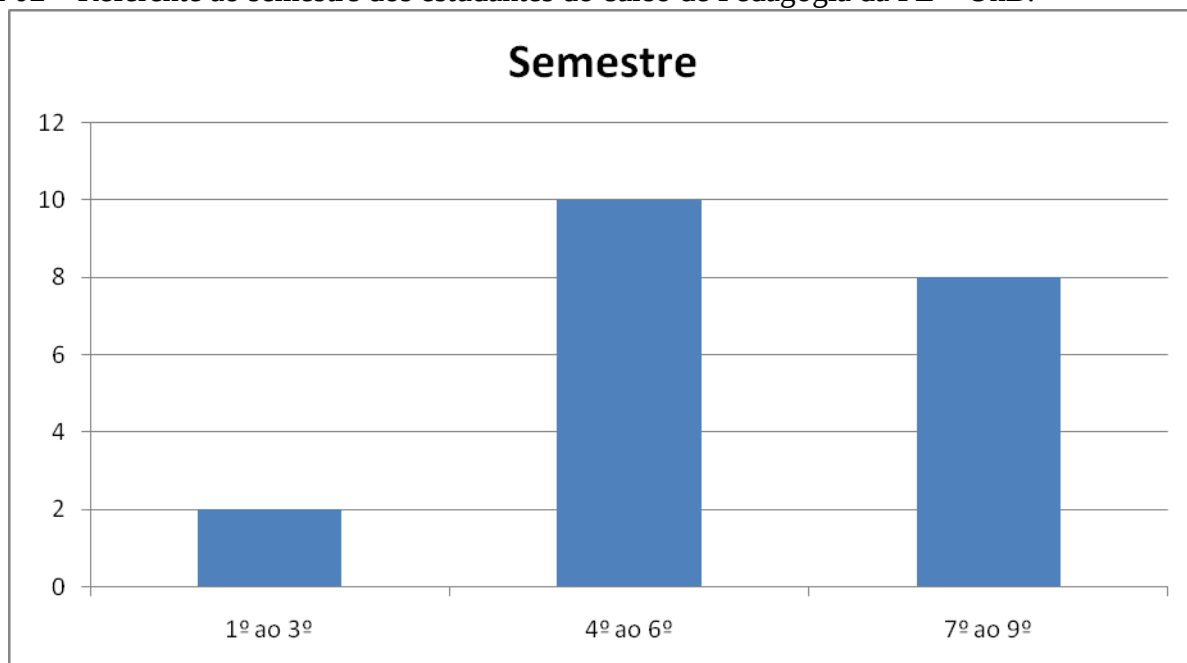
Figura 01 - Faixa etária dos estudantes que responderam os questionários na Faculdade de Educação – Universidade de Brasília, 2011.



Fonte: Pesquisa de campo

No que diz respeito ao semestre, 10 estudantes estão entre o 4º e o 6º semestre, 8 entre o 7º e o 9º e apenas 2 entre o 1º e 3º.

Figura 02 – Referente ao semestre dos estudantes do curso de Pedagogia da FE – UnB.



Fonte: Pesquisa de campo

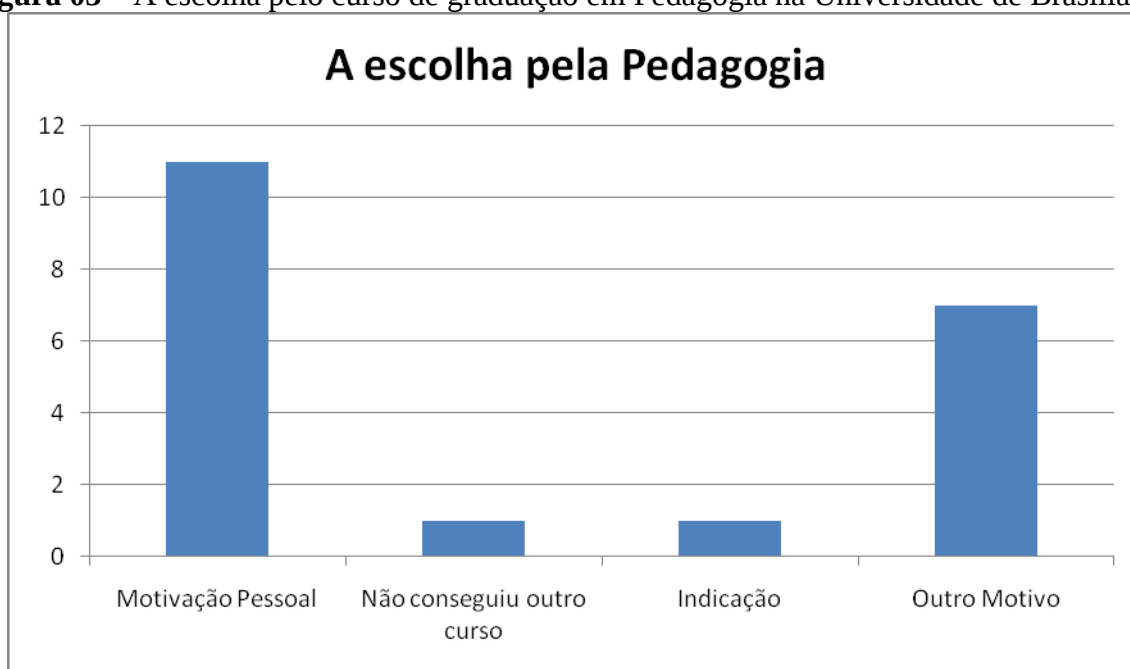
➤ Trabalho

Quando questionados em relação a trabalho, 10 estudantes responderam que trabalham e 10 responderam que não trabalham. Dentre os que trabalham, apenas um trabalha na escola. Os outros estão em ambientes não escolares, o que evidencia um direcionamento destes estudantes para atividades que não sejam as de sala de aula e sim outras áreas do curso de Pedagogia.

d) A escolha do curso de Pedagogia.

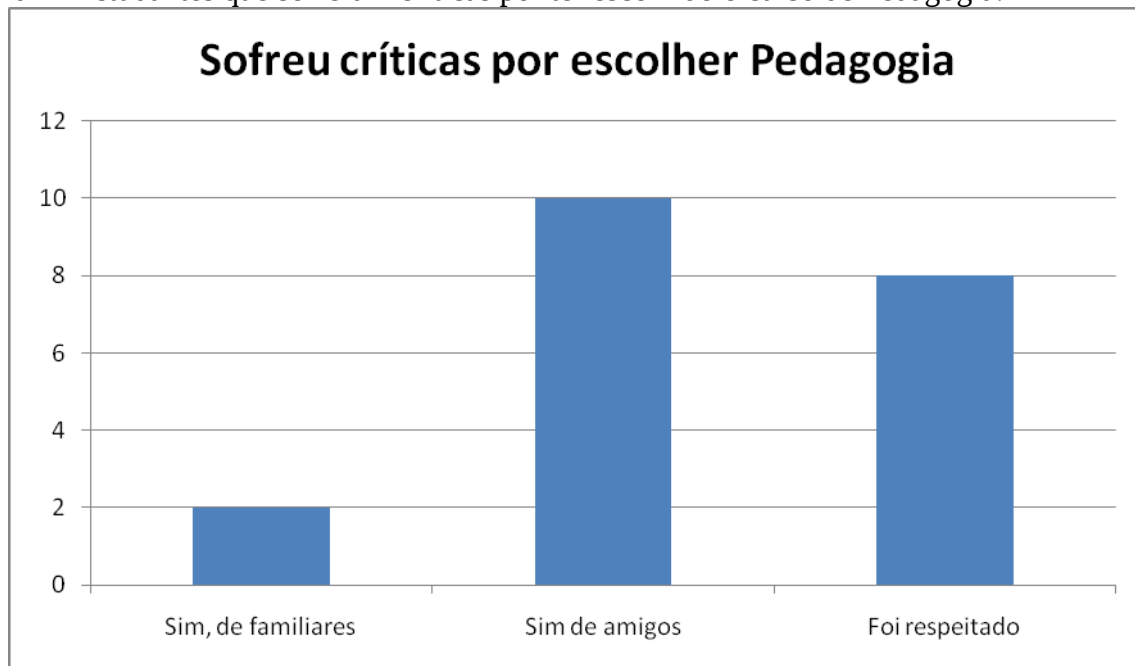
Sobre a escolha do curso de pedagogia, 11 responderam que escolheram por motivação pessoal, 1 respondeu que não conseguiu fazer outro curso e 1 respondeu devido a indicação. Entre os que apontaram outros motivos, sobressai os que afirmaram ter escolhido por ser de mais fácil aprovação na Universidade de Brasília.

Figura 03 – A escolha pelo curso de graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília.



Fonte: Pesquisa de campo

Entre os entrevistados, 10 afirmaram que sofreram críticas de amigos por ter escolhido o curso de Pedagogia, 8 responderam que são respeitados quanto à escolha e apenas 2 afirmaram que sofreram críticas de familiares.

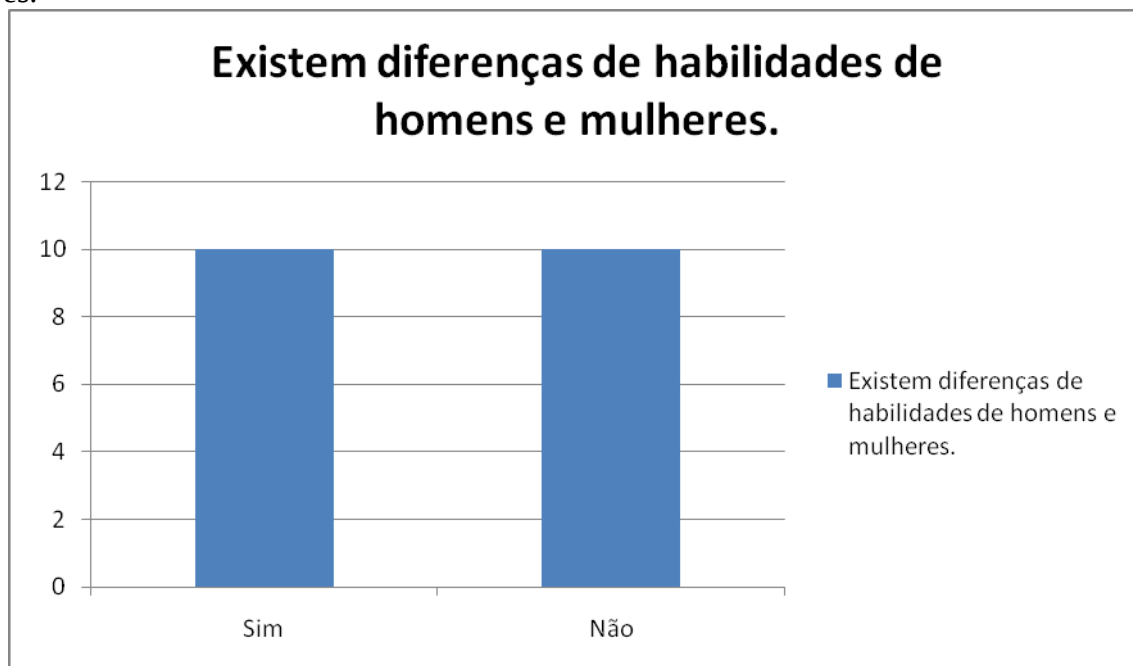
Figura 04 – Estudantes que sofreram críticas por ter escolhido o curso de Pedagogia.

Fonte: Pesquisa de campo

e) Diferenças entre as habilidades de homens e mulheres

Houve o seguinte questionamento: Existem habilidades próprias a homens e mulheres na profissão de professor das séries de início de escolarização? Os resultados mostram que para metade dos respondentes, homens e mulheres possuem habilidades próprias, enquanto a outra metade não acredita existir essa diferença de habilidades entre os gêneros. As respostas positivas apontam uma aproximação das atividades nas séries de início de escolarização com as características emotivas, atividades artísticas e ligadas a sensibilidade: “*As mulheres estão dentro da sala de aula, os homens estão em cargos administrativos*”. Com base nesta fala é possível mais uma vez relacionar as atividades a serem executadas por homens e mulheres no âmbito da escola neste nível de ensino, com características natas a cada sexo, sendo o homem bem visto no cargo de diretor e a mulher como professora. Este fato está veiculado a concepção de poder ligada ao homem, e a submissão ligada à mulher.

Figura 05 – Os estudantes percebem alguma diferença de habilidades exercidas por homens e mulheres.



Fonte: Pesquisa de campo

Segundo Giffin (1994), há enormes diferenças atribuídas à sexualidade de homens e mulheres que contribuíram para a manutenção da tradição do pensamento dualista na sociedade ocidental. Homens e mulheres passaram a ser caracterizados pela oposição: cultura/natureza, razão/emoção, sujeito/objeto, ativo/passivo, respectivamente, sendo as contradições decorrentes dessas oposições binárias ocultadas pela ideologia.

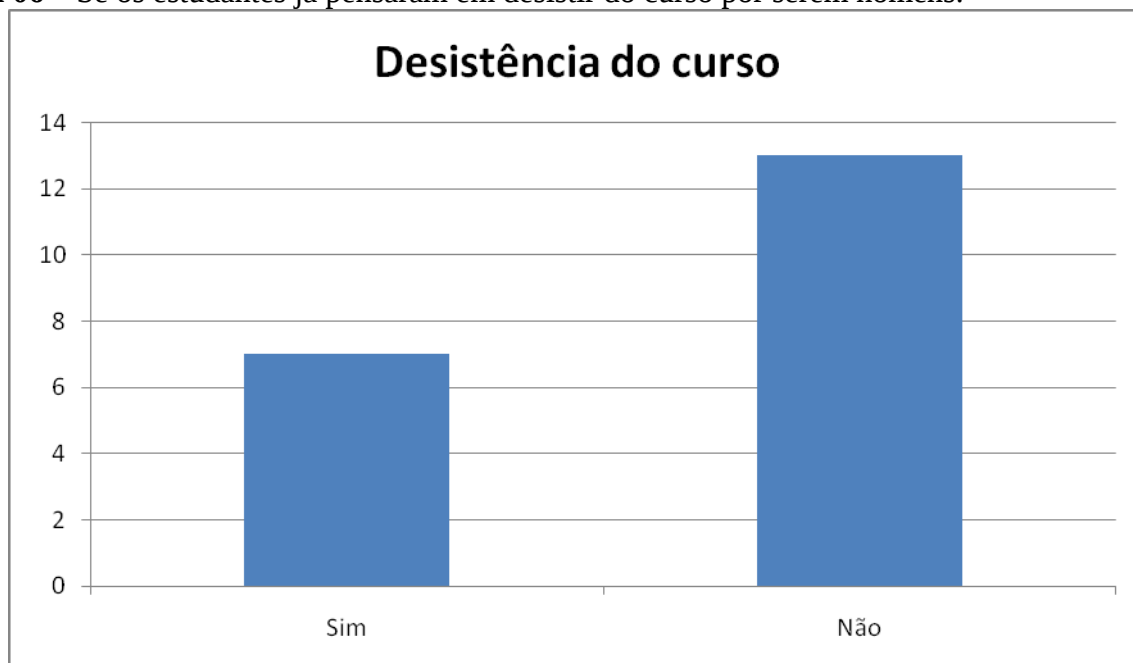
Por exemplo, a principal identidade atribuída à mulher é a de mãe. Ao homem é designado um “impulso biológico instintivo”, um papel sexual ativo incontrolável e natural, um ser dominador. A virilidade masculina deve ser expressa no corpo e no comportamento do homem. Este para construir sua identidade masculina deve convencer a si mesmo e aos outros, durante toda a sua vida, de que não é uma mulher (BADINTER, 1993)

Giffin (1994) afirma ainda que todos esses dualismos atribuídos a homens e mulheres trazem benefícios e custos para ambos. Os efeitos dessas concepções produzem uma dinâmica de sujeição às cobranças sociais que penalizam emocionalmente homens e mulheres que buscam se enquadrar em certos estereótipos, ou que pagam o preço ao quebrar esses preceitos.

f) O ser homem no curso de Pedagogia

Os entrevistados foram questionados se já pensaram em desistir do curso de pedagogia pelo fato de ser homem, 7 responderam que sim e 13 responderam que não. Sobre os motivos da desistência estão à má remuneração, as restrições na prática profissional e medo de sofrerem algum tipo de preconceito ao procurarem emprego em escolas de educação da infância ou de séries iniciais. As restrições estão ligadas a certas práticas estarem intimamente ligadas a atividades de mulheres. A má remuneração está intimamente ligada à desvalorização do profissional pedagogo e seu baixo status na hierarquia de profissões.

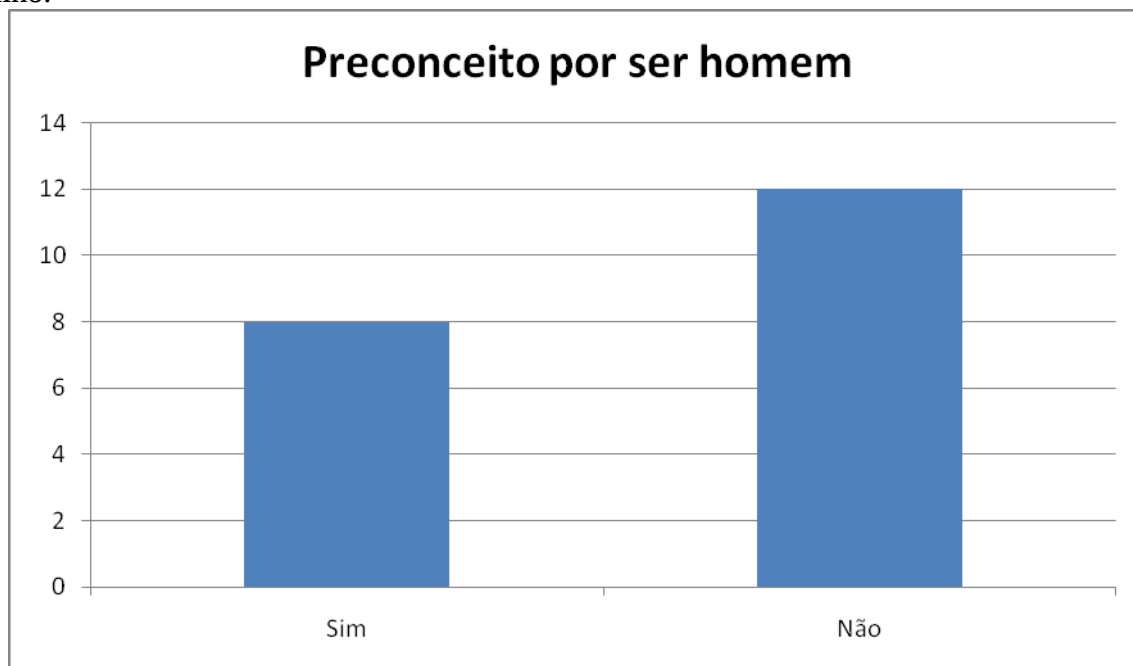
Figura 06 – Se os estudantes já pensaram em desistir do curso por serem homens.



Fonte: Pesquisa de campo

Como explicitado, existe estranhamento destes estudantes frente à realidade social do curso de pedagogia, em que o homem ainda é minoria neste espaço e por vezes não ser visto com bons olhos por unidades empregadoras. Este fato se confirma quando os respondentes do questionário foram questionados se sofreram preconceitos ao procurar estágios na área de pedagogia. Por mais que 12 dos entrevistados tenham respondido que não, 8 responderam que sim. Tal dado mostra que mesmo durante o período de formação, os estudantes já sofrem preconceito, o que justifica o medo de entrar no mercado de trabalho como pedagogo das séries de início de escolarização.

Figura 07 – Se sofreram algum tipo de preconceito durante o estagio por ser do sexo masculino.



Fonte: Pesquisa de campo

g) As atividades práticas durante o curso

Em relação à prática durante a formação no curso de Pedagogia, 19 estudantes afirmam já ter tido experiências e terem realizado atividades de estágio como graduandos do curso de pedagogia. Entretanto, apenas 1 afirma ter trabalhado com educação da infância. Não é possível afirmar que esse número é baixo devido a preconceitos sofridos ao procurar estágio na área. Entretanto é possível ressaltar que o desinteresse pelo espaço escolar de séries iniciais e educação da infância é grande.

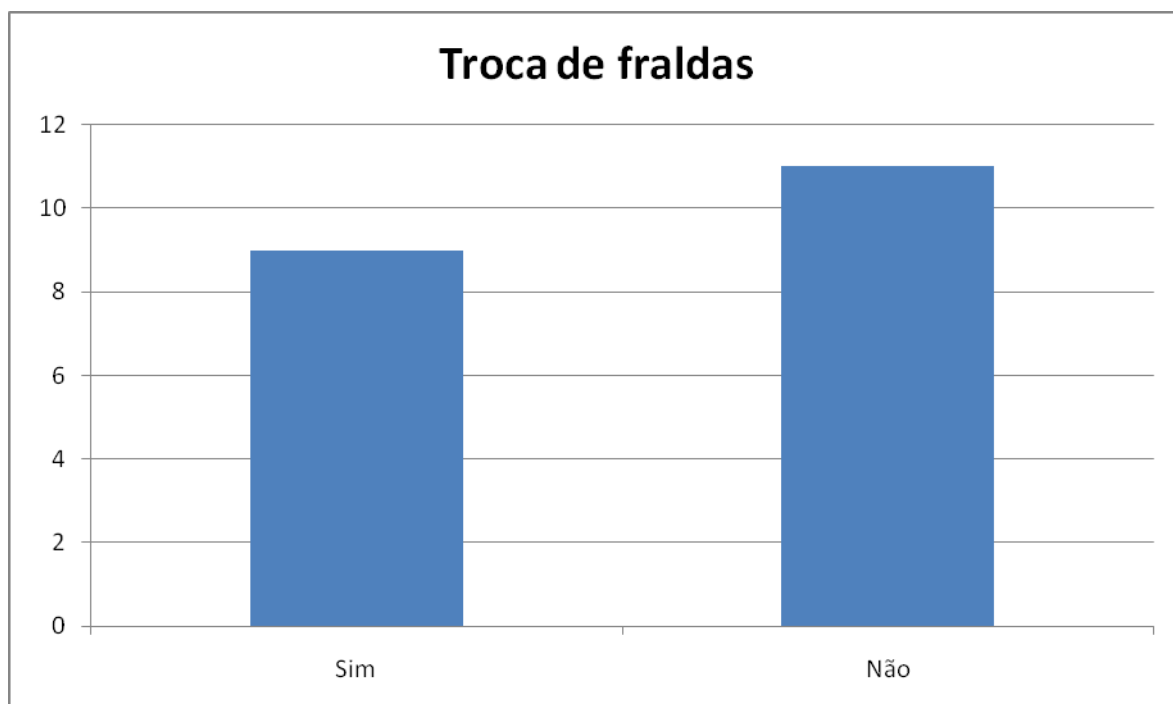
Dentre as opções dos que responderam já terem realizado atividades na área, estão os que afirmaram o desejo em trabalhar com Pedagogia Empresarial, espaços administrativos, entre outros ambientes que não são os de escola. Isso se confirma na perspectiva dos estudantes após a conclusão do curso, em que apenas 1 respondeu querer atuar como professor de educação da infância, 3 desejam atuar na área de Educação de Jovens e Adultos e 12 confirmam o direcionamento desses estudantes homens para outros campos do curso, sendo a área de maior interesse a Pedagogia Empresarial.

Figura 08 – Se os estudantes realizaram alguma atividade na área de Pedagogia

Fonte: Pesquisa de campo

Poderíamos considerar esse direcionamento como algo natural, entretanto como enfatizado por Auad (2006), quando começamos a perceber as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que esses direcionamentos considerados “naturais” para homens e para mulheres, correspondem a relações de poder. O caráter natural dessas relações ganha essa feição pelo fato de serem praticadas constantemente e acabam por reforçar comportamentos preconceituosos e deterministas de acordo com o sexo. Foi feito um questionamento aos estudantes se sentiriam a vontade caso precisassem trocar fraldas de crianças se a sua prática profissional assim exigisse. 11 estudantes afirmam que não se sentiriam a vontade, tendo em vista que não foram capacitados para isso durante a faculdade. Um dos entrevistados afirma que não teria problema algum, pois teve esse tipo de trabalho com seu filho, outro afirma não haver problema por ser algo comum ao fisiológico do ser humano.

Figura 09 – Os estudantes de Pedagogia sentir-se-iam à vontade ao realizar uma tarefa como trocar fraldas em seu emprego.



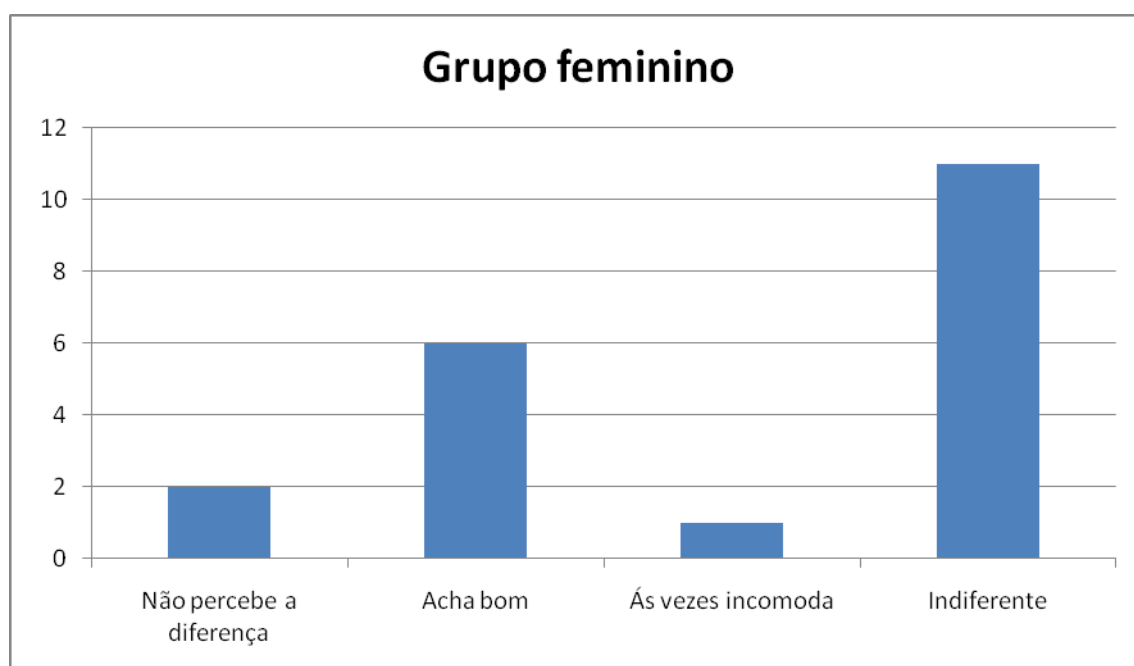
Fonte: Pesquisa de campo

Através destas afirmações podemos destacar o caráter de incorporação de atividades, o ato de trocar fraldas não sendo uma atividade a ser praticada, cuidar do outro se configurando como algo modesto a ser exercido. Desconstrói-se também a idéia de que homem não tem capacidade de trocar as fraldas de uma criança, que esta é uma tarefa exclusiva da mãe. O homem que troca o filho em casa poderia trocar o educando sem nenhum problema de competência e habilidade quando se deparar com essa necessidade na escola.

h) O sentimento em fazer parte de um curso em sua maioria freqüentado por mulheres e suas expectativas após conclusão

Mas afinal, como os estudantes de Pedagogia se sentem fazendo parte de um curso em que a maioria dos estudantes são mulheres? Dois estudantes não percebem nenhuma diferença, seis consideram positivo estar no curso com muitas mulheres. Apenas um afirma que essa situação às vezes incomoda e onze entrevistados garantem que são indiferentes quanto a essa questão.

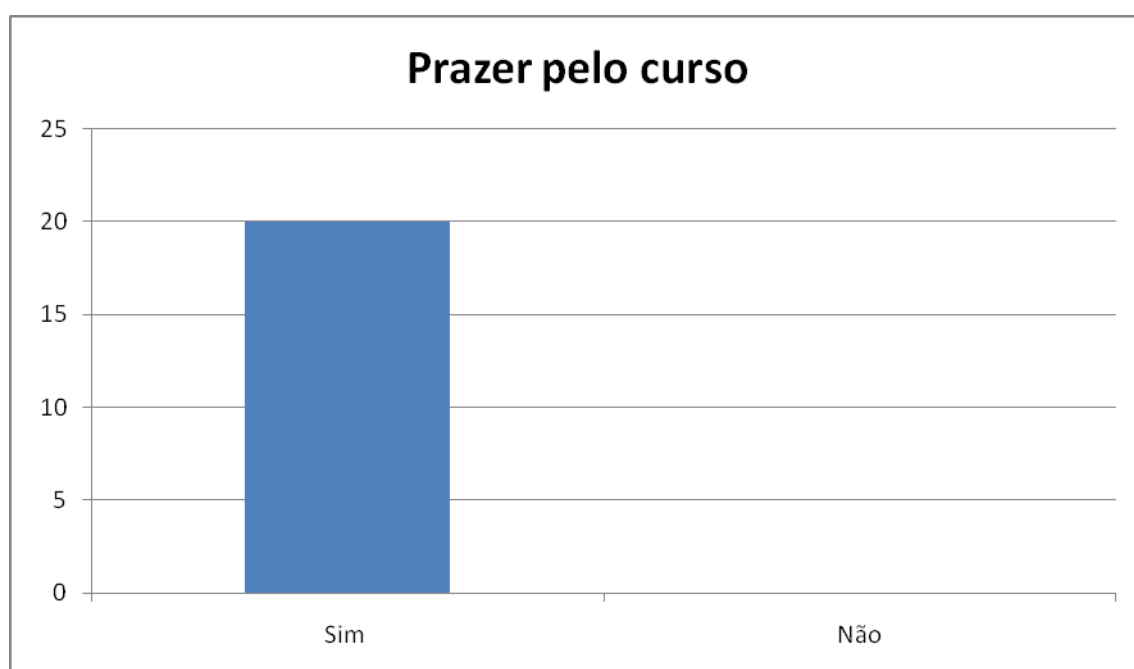
Figura 10 – A percepção dos estudantes de Pedagogia com relação ao participar de um curso composto em sua maioria por mulheres



Fonte: Pesquisa de campo

Entretanto o mais importante é que todos os respondentes do questionário afirmaram gostar do curso.

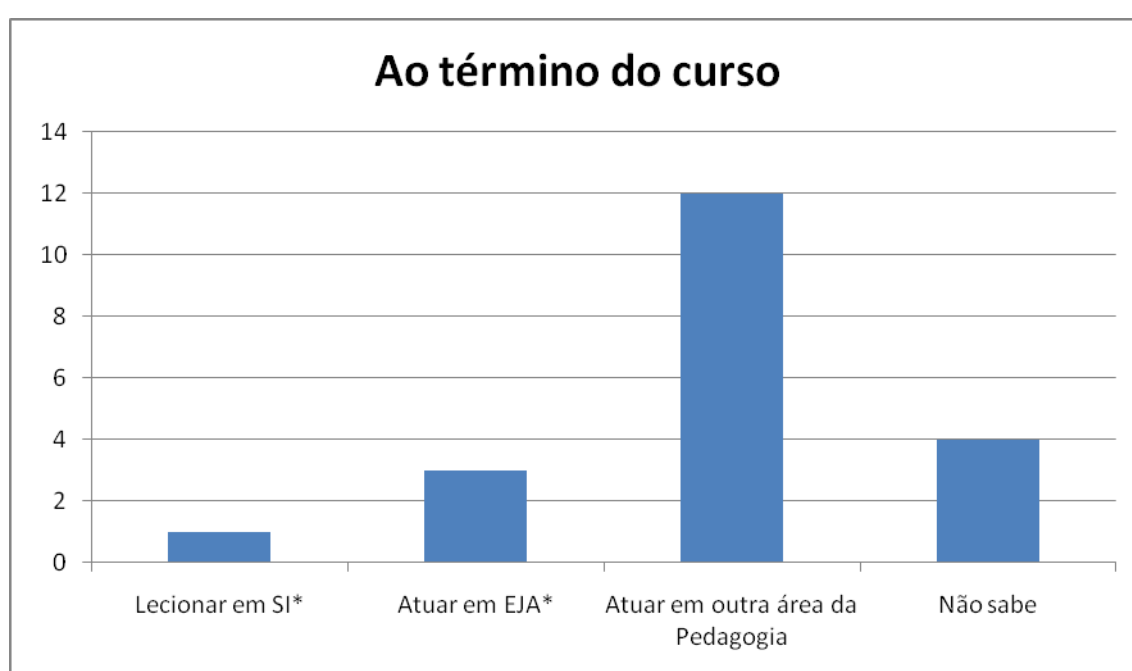
Figura 11 – Se os estudantes de Pedagogia gostam do curso de graduação, se tem prazer em fazê-lo e consideram-se realizados na sua escolha.



Fonte: Pesquisa de campo

Entre as expectativas de trabalho dos estudantes estão outras graduações, o trabalho com EJA, a prestação de concursos públicos, trabalhos com educação especial, recursos humanos. A maioria respondeu que pretende continuar os estudos, fazendo pós-graduação (mestrado e doutorado). Há quem goste e há quem não goste da sala de aula, cada um tem suas opções e afinidades, o interesse é individual a sua possibilidade de atuação nos anos de início da escolarização para estes alunos ao fim do curso é que não pode ser negada.

Figura 12– Qual a perspectiva profissional dos estudantes ao terminar o curso de graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília.



SI = Séries Iniciais

EJA = Educação Jovens e Adultos

Fonte: Pesquisa de campo

4.3 A percepção do pedagogo recém formado

Neste tópico relataremos as percepções de Vladimir a cerca do magistério nos anos de início da escolarização, seus motivos para a escolha do curso, perspectivas e impressões do mercado de trabalho como pedagogo recém formado.

a) A escolha pelo curso de Pedagogia

Vladimir conta ter escolhido o curso de Pedagogia por influência de uma professora enquanto cursava letras em uma Universidade particular do Distrito Federal. Segundo o mesmo, um dos motivos positivos para a escolha do curso estava na possibilidade de se trabalhar em várias áreas como a Pedagogia Hospitalar e Empresarial. Ele relata que ao escolher o curso de Pedagogia, foi criticado por alguns amigos e familiares que o incentivaram a buscar áreas de maior prestígio e retorno profissional como Medicina e Direito.

Geralmente nossos pais querem que a gente faça Medicina, ou que faça Direito, que são cursos de retorno imediato (Vladimir).

Os amigos de Vladimir ressaltaram a desvalorização do Pedagogo e a forte relação entre Pedagogia e trabalho feminino. Ele conta recebeu piadas de amigos afirmando que o mesmo agora seria babá. Entretanto, afirma que ao explicar os caminhos do Pedagogo, todos acabaram entendendo e apoiando na decisão de escolha do curso.

Para Sarmiento (2004) a representação social das profissões segue um modelo piramidal, sendo que no topo estão as profissões de maior reconhecimento, e na base as profissões de menor *status*. No grupo profissional de professores no topo estão os professores universitários, e na base os professores da educação básica, em especial os professores dos anos de início da escolarização.

Dentro do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília a acolhida é positiva, as professoras e os professores são atenciosos com os calouros, ressaltam sempre a importância de se buscar formas de valorização do curso, entretanto ele relata que há professores que tem uma visão muito negativa do curso

b) Como se sentia percebido como homem dentro do curso

Vladimir relata que não se sentia diferenciado dentro do curso de Pedagogia por ser homem, entretanto percebia um direcionamento dos estudantes homens a áreas de estudo como administração e políticas e das estudantes mulheres as disciplinas ligadas a escola e aspectos relativos ao cuidar.

Então... Não existe uma diferença de tratamento de professoras para as alunas ou para os alunos. Mas existe um direcionamento que já vem, é algo cultural, de que o homem pedagogo tratar de assuntos administrativos, e da mulher tratar da educação escolar (Vladimir).

Segundo ele, durante o curso percebia que os estudantes homens eram treinados para exercerem atividades da área administrativa.

Dentro da própria faculdade somos treinados, vamos dizer assim. A sermos profissionais Pedagogos da área administrativa e não da área propriamente educativa, sala de aula ou do cuidar (Vladimir).

Vivemos em uma sociedade machista, que determina de maneira cruel os comportamentos e ações a serem executadas por homens e mulheres. Em um tempo que o cuidado está dissociado da imagem masculina, percebemos constantes formas de violência sendo praticadas a homens e mulheres. Em relação à ação do Pedagogo, este acaba por sofrer violências psicológicas para se enquadrar em um modelo de conduta e exercer sua profissão sem qualquer estranhamento.

c) Percepção sobre os aspectos relativos ao cuidar

Existe ainda uma forte associação com o cuidado como algo relacionado à mulher e a disciplina ao homem. Entretanto, como bem explicitado por Vladimir, o cuidado e a disciplina são dois conceitos que se manifestam juntamente nas relações:

Na verdade, cuidar e disciplinar são palavras muito parecidas, elas estão sempre juntas uma das outras, a sociedade é que coloca o cuidar como algo materno e a disciplina como algo paterno. Mas não creio que seja tão separado assim. [...] No momento em que você cuida você está disciplinando. E quando você está disciplinando, também está cuidando (Vladimir).

A idéia de cuidar e disciplinar como conceitos complementares se constitui como uma forma de valorização e desconstrução das discriminações sofridas por homens, mulheres, meninos e meninas dentro do contexto escolar, tendo em vista que estes conceitos podem ser

incorporados na prática de profissional sem que haja distinção de sexo. Apenas pelo gosto e motivação em desenvolver um bom trabalho.

Para Connel (1995), toda cultura tem uma definição de conduta apropriada aos homens. O que quer dizer que os rapazes são constantemente pressionados a agir e a sentir de forma a se distanciar do comportamento das mulheres, da feminilidade. Se tratando do Pedagogo homem, essa pressão vem sendo exercida por famílias, pelas escolas, pelas colegas de trabalho, da mídia e principalmente dos empregadores.

Para Moreno (1999), existem inúmeros esquemas de conduta atribuídos a cada sexo, estes na maioria das vezes não têm relação com as capacidades inatas e nem as formas espontâneas de comportamento de cada um, mas estão prontos para reproduzir os modelos já existentes.

É importante lembrar que a sensibilidade, a ternura, e a atenção nas relações interpessoais não podem e nem devem ser patrimônio do sexo feminino. Estes homens pedagogos acabam por reprimir seus sentimentos continuamente, deixando de cuidar ou de demonstrar comportamentos sensíveis devido ao medo de sofrer algum tipo de questionamento.

Existe uma forte cobrança para com homens por uma postura viril e o mais distante possível de características ligadas a ações sensíveis, a profissões ligadas ao cuidado com o outro e a sentimentos ligados as mulheres. Infelizmente a escola como instituição social e formadora de cidadãos acaba por reforçar comportamentos tipicamente masculinos ou femininos. É muito comum no ambiente escolar a fala de professoras aos meninos “Homem não chora, para de chorar menino”. Parece uma frase sutil e sem muita importância, mas configura-se como uma forma de confirmação de estereótipos e papéis de gênero atribuindo características ao sexo.

d) Limitações como pedagogo homem

Vladmir relata que nunca pensou em desistir do curso pelo fato de ser homem e que não tem medo do mercado de trabalho:

Vontade de desistir do curso só pelas dificuldades, talvez financeiras, ou dificuldades de distância de casa para a faculdade e tudo mais, mas desistir por conta dentro das dificuldades dentro do mercado de trabalho não, nunca pensei, acho que independente de ser homem ou de ser mulher quem concluiu o curso tem seu lugar no mercado de trabalho (Vladmir).

Ele conta que quando participou de um projeto chamado “O encanto no aprender” caracterizado por atividades relacionadas ao lúdico na aprendizagem das crianças, enfrentou certo “estranhamento” por parte dos pais das crianças quando eles se depararam com um homem ensinando seus filhos.

Os próprios pais estranharam ter um homem atuando dessa forma, com esse tipo de trabalho. Uma vez que eles estavam acostumados com mulheres trabalhando nessa área (Vladimir).

Ele afirma que não se sentiria limitado de forma alguma em sua prática profissional pelo fato de ser homem, afinal ele gosta da profissão, e garante que irá desempenhá-la de forma consciente, responsável e profissional. O mesmo compreende que a limitação de ser ou não Pedagogo de séries iniciais não parte das crianças e sim de adultos:

A limitação existe quando tem um terceiro, se fosse só eu e a criança, não existiria, a limitação existe a partir do momento que tem alguém que impeça, que me impeça de fazer esse trabalho de cuidador da criança, seja um diretor de uma escola, seja um pai, uma mãe ou qualquer outro terceiro, que venha interferir nesse tipo de trabalho (Vladimir).

Partindo do pressuposto que o gostar estimula o compromisso e a boa atuação profissional, temos em mente que este é o primeiro e um dos principais requisitos para Vladimir executar as suas tarefas de pedagogo. Sejam elas dando aulas para crianças ou não. Vladimir concluiu o curso de Pedagogia em fevereiro de 2011 e está trabalhando em uma biblioteca para deficientes visuais da Universidade de Brasília. Não significa um fato determinante para toda sua carreira, entretanto ele é mais um dos pedagogos formados que não está atuando em escola, sendo direcionado a outros campos do curso de Pedagogia.

5.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diga-me e eu esquecerei, mostre-me e eu lembrarei, envolva-me e eu aprenderei!

**Provérbio
indígena norte-americano**

O presente trabalho buscou analisar as possíveis dificuldades do pedagogo como homem, através de sua percepção dos anos de início da escolarização sendo este espaço profissional marcado e composto em sua maioria pela presença feminina. Teve como objetivos também analisar se a questão do gênero masculino na pedagogia gera discriminação, identificando suas aspirações acerca da docência neste nível de ensino. Para isso, foi necessário o desenvolvimento de três estudos de caso envolvendo pedagogos formados e estudantes do curso de Pedagogia.

O espaço de sala de aula por muitos anos esteve restrito aos homens, eles ensinavam, e eram ensinados. As mulheres estavam restritas a vida privada, executando suas atividades do lar de maneira reclusa e sem participação nas decisões sociais. Vimos que através do processo de feminização do magistério, o espaço de sala de aula configurou-se como uma possibilidade de inclusão das mulheres na vida pública, o re-ordenamento das profissões possibilitou novas áreas de atuações para homens. Percebemos que dentro deste contexto, foram diminuindo gradativamente a participação de homens como professores das séries de início de escolarização e aumentando o número de mulheres. Tal configuração resultou no retrato que vemos hoje da escola neste nível de ensino, em que a maioria do quadro profissional é composto por mulheres.

Percebemos que existe uma desvalorização do trabalho docente, e que esta acaba por afastar no momento atual não só homens como também mulheres do espaço de sala de aula. Estudantes do curso de Pedagogia optam por espaços de atuação mais rentáveis e de maior *status* como a Pedagogia empresarial, hospitalar, gestão escolar, entre outras áreas do curso que não são as de sala de aula.

Foi constatado que um dos fatores que contribuem para o afastamento de homens dos anos de início da escolarização diz respeito à má remuneração. Eles preferem ocupar profissões que ganham mais, não se arriscando à docência das séries iniciais da Educação Básica e a Educação da infância que é um campo ligado às mulheres e de baixa remuneração.

É necessário e recomendável que as discussões a respeito da construção do gênero masculino e feminino estejam mais presentes em nosso dia a dia, principalmente na atividade docente do professor, seja ela dos anos de início da escolarização ou não. Percebemos que as

identidades de gênero acabam por sobrecarregar os indivíduos de metas, expectativas, e determinações que são feitas pela condição de ser homem ou de ser mulher.

Destacamos nos dados da pesquisa que quando os pedagogos escolheram o curso, teve sempre alguém que dissesse que eles deveriam fazer um curso de maior status social, que pudessem ganhar muito dinheiro e reconhecimento. A cobrança por uma normatividade existe para ambos os sexos, entretanto o homem é constantemente cobrado a ser viril, ter uma postura severa e de maior distanciamento de atividades ou sentimentos que podem levá-lo a ser comparado com uma mulher. Ele tem que ganhar mais, ele deve ter várias mulheres e ele não pode ser sensível; caso seja sensível poderá ter sua sexualidade colocada a prova e perder sua identidade masculina. Podemos exemplificar, a questão dos metrossexuais, homens que costumam ter um grande cuidado com a beleza, as mulheres no imaginário popular possuem a característica nata de cuidar tanto de si como do outro, já os homens não. Então para o homem ser aceito como alguém que cuida de sua aparência foi criada a categoria dos homens metrossexuais. São justificativas criadas quando os homens se aproximam de comportamentos femininos. Na educação, podemos perceber isso na relação que se dá a figura do homem como professor e como diretor, sendo a figura do diretor de prestígio, visibilidade e melhor recomendada a um homem.

Identificamos que as atividades desenvolvidas nos anos de início da escolarização possuem ações diárias que são necessárias e integrantes do processo pedagógico, como o cuidar. Este cuidar não está excluído do homem, entretanto culturalmente na sociedade brasileira o homem cuida de maneira diferente, ele cuida para que não falte nada em casa, mas por mais que tenhamos avançado nestas questões, ainda é visto com estranhamento um homem trocar fraldas de bebês e principalmente ser professor de crianças pequenas.

Através da pesquisa foi possível perceber o quanto é importante o conceito de gênero para entendermos que as diferenças sexuais não são determinantes para definir as identidades culturais; as construções a respeito do gênero determinam o que é próprio para homem ou que é próprio para mulher de acordo com a sua cultura. Muitas vezes não paramos para pensar na determinação do azul para meninos, do rosa para meninas, do carrinho para meninos e da boneca para as meninas. Porque ambos não podem brincar com qualquer brinquedo? Porque o menino ao brincar com a boneca fugiria da normalidade? Porque a menina ao brincar com o carrinho poderia ser repreendida e vigiada?

As crianças mesmo antes de nascerem tem suas vidas demarcadas pelas expectativas, que são recomendadas para cada sexo. A masculinidade hegemônica está calcada na coragem, relacionada à força física, à energia, à ousadia, à virilidade, à competitividade, trabalho e

sucesso, sendo-lhes negado o direito de demonstrar medos e fragilidades. As meninas por sua vez são ensinadas a serem meigas, dóceis, suaves, organizadas, obedientes, submissas e a reprimir sentimentos de querer ser mais, de querer crescer e até se sobressair em relação aos homens.

Estas são questões que diariamente passam despercebidas, são relações e jogos de poder que precisam ser debatidos, repensados e reconstruídos. Podemos destacar que a ausência de homens dentro de uma escola de início de escolarização é vista como algo natural, o que de fato não é.

Foi constatado que existe um estranhamento por parte da família das crianças quando se deparam com a presença de homens sendo eles os professores de seus filhos. O estranhamento desses pais se deve justamente pelas construções a respeito do gênero masculino. A escola não está preparada para trabalhar com a diversidade, principalmente quando essa diversidade está ligada ao seu quadro de profissionais. Podemos considerar que nossos entrevistados são vencedores, eles quebraram barreiras e permanecem como professores de suas escolas.

Configura-se como positivo se empregar homens nas instituições escolares como professores nos serviços de cuidado infantil, já que um corpo docente de um mesmo sexo pode não conseguir educar crianças para acreditar em oportunidades iguais para ambos os sexos. Afinal as crianças não fazem o que mandamos fazer e sim somos considerados espelhos para elas, somos referências. A igualdade de oportunidades para ambos os sexos tem sido constantemente enfatizada nas escolas, mas nos níveis iniciais de escolarização e principalmente sobre a presença de homens neste espaço essa questão tem sido negligenciada.

Se as instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, essas também reproduzem e fabricam os sujeitos que vão perpetuar as características, papéis e concepções de manutenção das relações de poder. É pertinente pensar na instituição escolar como um espaço de reflexão e construção de percepções culturais e sociais a respeito do masculino e feminino.

Há quem diga que a escola é um retrato de toda a sociedade. Concordo com essa afirmação, já que na escola são produzidos e reproduzidos modelos de relações, e estigmas culturais de um contexto social. Sendo assim porque não se quebrar e reconstruir essas concepções?

A escola quando desconsidera a presença de um homem em seu corpo de docente, e os exclui já pensando na possível reação negativa dos pais, perde a valiosa oportunidade de quebrar concepções errôneas a respeito do gênero que posteriormente poderão ser praticadas e

repetidas pelas crianças. Neste caso, antes de excluir esse profissional, elas podem buscar maneiras de esclarecer aos pais e mães, para que estes vejam o pedagogo homem como um profissional, enfatizando seu papel positivo na formação das crianças. A presença de professores homens na escola pode trazer a referência de que eles também cuidam, também educam, são sensíveis e sabem lidar com questões básicas de cuidado como trocar uma fralda ou cuidar de um machucado. Sua presença dentro deste ambiente é o primeiro passo na desconstrução desses pensamentos e segregações produzidas por preconceitos de gênero.

Os pedagogos que entrevistamos gostam do que fazem na sala de aula, e se sentem bem neste ambiente. Enfrentam na maioria dos casos dificuldades de aceitação inicialmente, entretanto eles conseguiram quebrar estes preconceitos e permanecem como professores nestas escolas. O que percebemos é que não há excesso de mulheres da escola e sim escassez de homens. Há espaço para todos, principalmente para os profissionais que pretendem desenvolver uma educação justa, humana e de qualidade. É importante e essencial que estes pedagogos sejam vistos como profissionais, com positividade e seriedade, tanto por escolas particulares como públicas, pelos pais e mães das crianças e sociedade em geral.

Os dois grandes desafios deste trabalho foram: encontrar homens que trabalham no nível de ensino estudado e principalmente identificar bibliografias que pudessem discutir sua presença neste ambiente profissional. Com base nisso, recomenda-se mais estudos que enfoquem a presença de homens nos anos de início da escolarização identificando e enfatizando os aspectos positivos de tê-los atuando como professores neste nível de ensino. No imaginário social a figura do homem está sempre ligada violência, poder e dominação sobre o outro, logo se este estiver dando aulas para estas crianças, cuidando delas e sendo referência de afetividade, amorosidade e cuidado, este imaginário poderá ser desconstruído e reconstruído.

No que diz respeito ao curso de Pedagogia podemos deixar como sugestão que se trabalhe melhor com os estudantes homens na graduação, promovendo grupos de estudos dentro da temática sobre como eles se sentem fazendo parte do curso. É recomendável que busque alternativas para que eles se sintam competentes como professores do ensino infantil também, afinal o curso em sua essência forma para a sala de aula. Uma das críticas ao curso de pedagogia da Universidade de Brasília está embasada nesta questão: São poucas as disciplinas que focam a educação da infância e a prática de sala de aula. O curso deixa a desejar no que diz respeito às questões de gênero e principalmente referente a educação da infância, a única disciplina sobre essa etapa do ensino encontra-se no 5º semestre do fluxo e como disciplina optativa.

Podemos reforçar que as masculinidades e feminilidades devem estar interligadas, os homens podem incorporar aspectos femininos, e as mulheres aspectos masculinos. Em nosso contexto educacional tudo ainda é visto de forma fragmentada, a negação da incorporação das masculinidades e feminilidades em ambos os sexos dificulta um desenvolvimento integral das pessoas, de suas emoções, anseios e objetivos.

Ainda temos muito a caminhar até desconstruir preconceitos arraigados em nossa sociedade, entretanto precisamos começar. Desde cedo à criança deve ter contato com a diversidade de gênero, isso irá contribuir na construção de sua personalidade preparando-a para respeitar o diferente. Os professores são os agentes que podem dar espaço a pluralidade e valorização das diferenças presentes dentro da escola. Para tanto se faz necessário reflexões sobre práticas e trajetórias profissionais, ampliando saberes e construir um espaço de discussão e reconstrução de significados.

Para desconstruir os pré-conceitos a respeito da presença masculina nos anos de início da escolarização, é preciso que se discuta muito além da escola, mas também que as discussões contemplem as famílias das crianças que estarão estudando. Afinal, para elas não importa se é professor ou professora. O universo infantil ainda encontra-se resistente as concepções sexistas. As meninas os e meninos sofrem constantemente repressões e opressões para corresponder à normalidade determinada a sua condição biológica. Entretanto elas continuam mesmo que sem perceber, quebrando tabus e superando preconceitos construídos e cultivados por adultos.

A compreensão e clarificação das vivências e sentimentos deste homem profissional de Pedagogia em suas dificuldades podem trazer contribuições no que se refere a um melhor entendimento das situações de poder e da mistificação das séries de início de escolarização a trabalho feminino e assim possibilitar a construção de novas formas de atuação neste ambiente de construção humanitária. Uma educação de qualidade não é construída pela relação de homens e mulheres, e sim por relações que visam promover o desenvolvimento social, psicológico e cultural de seres humanos.

Podemos não concluir e sim começar as discussões afirmando que não se modifica preconceitos de um dia para o outro, não se constrói novas representações como mágica. Entretanto, é possível dar os primeiros passos, é preciso que se tente mostrar as pessoas como as coisas realmente são, muito além do que aparenta ser ou as mentes um tanto quanto fechadas conseguem absorver e reproduzir. Assim como se reproduz idéias de aprisionamento, é possível disseminar também idéias e concepções de libertação, e paz. Deixaremos então o convite. Vamos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCÁCIO, Liéte. **A preocupação com a profissão docente: antiga mas insatisfatória.** Revista Educação em Questão, Vol. 23, nº 9, maio/ago, 2005. p. 79-101.
- ALBUQUERQUE, Rosana. **Problemas de origem ideológica.** In: CARMO, Hermano (Coord.) Problemas Sociais Contemporâneo. Lisboa: Universidade Aberta, 2001. p. 272-298.
- ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** São Paulo: UNESP, 1998.
- ANDRÉ, Marli Elisa. **Etnografia da Prática Escolar.** Campinas: Papirus. São Paulo, 1995.
- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 96 p. 2006.
- BADINTER, Elizabeth. **XY: Sobre a identidade masculina.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977. 229 p.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRAZ, Marlene. **A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p.97-104, 2005.
- BRUSCHINI, C.& AMADO, T. **Estudo sobre a Mulher e Educação: Algumas Questões sobre o Magistério.** Cadernos de Pesquisa, 64, 1988, pp. 4-13.
- CARVALHO, Marília. **Gênero e política educacional em tempo de incerteza.** In: HYPOLITO, Álvaro; GANDIN, Luiz. (orgs). Educação em tempos de incertezas: Belo Horizonte : Autentica , 1998.

CHAMON, Magda Lucia. **Relações de Gênero e a trajetória da feminização do Magistério em Minas Gerais (1830-1930)**. FaE/UFMG. (Tese de Doutorado), Belo Horizonte – Minas Gerais, 1996.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos Ltda, 1990.

CONNELL, Robert . **Políticas da masculinidade**. In.: Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CORTEZ, Mariana. **Educar no Feminino e Masculino**. In: Estudos Políticos e Sociais . Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2008. p. 293-471.

COSTA, Marisa Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

FERREIRA, Rodolfo. **Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas relações de meninos e meninas na pré-escola**. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação da UNICAMP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar**. 1.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

GIFFIN, Karen. **Violência de gênero, sexualidade e saúde**. Cadernos de saúde pública, Rio de Janeiro, v. 10, suplemento 1, p. 146-155, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOUVEIA, Andrade. **Professoras de Amanhã: Um Estudo da Escolha Ocupacional**. São Paulo: Pioneira, 1970.

HEILBORN, Maria Luiza. **Violência e Mulher**. CS 6 - Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1996.

HOLANDA, Adriano. **Questões sobre a pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**. Analise Psicológica, n.3 (XXIV). p 363-372. 2006.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho Docente, Classe Social e relações de Gênero**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 1997. p. 43.

MANOEL, Ivan. **A igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: UNESP, 1996.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Ives Gandra da Silva. **A constituição de 1967**. In: D'ÁVILA, Luiz Felipe (org.). As constituições brasileiras: análise histórica e propostas de mudanças. SP: Brasiliense, 1993. p. 71-82.

MELLO, Guiomar Namó de. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez, 1982.

MOLINIER, Pascale. **Les métiers ont-ils un sexe?**. In: Sciences Humaines, nº146,36-39. 2004.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; FINATEC, 2003.

MURARO, Rose Maria; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

NASCIMENTO, Anelise; FIGUEREIDO, Fernando; KRAMER, Sonia. **Nos relatos de professores, conquistas e ambigüidades da Educação da infância**. In: KRAMER, Sonia. Profissionais da educação da infância: Gestão e Formação. São Paulo: Ática, 2005. p. 37-54.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária: mestra ou tia**. São Paulo: Cortez, 1984.

OSTERNE, M. S. F. **Usos e abusos da categoria de gênero: o lugar da dominação masculina**. In: Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina. Fortaleza: Educe, p.116 – 132, 2001.

PAZ, Cláudia Denis Alves da. **Gênero e trabalho pedagógico na educação da infância**. Dissertação – Mestrado em Educação – Faculdade de Educação/Universidade de Brasília. 2006.

PEREIRA, Luiz. **Escola numa Área Metropolitana: Crise e Racionalização de uma Empresa Pública de Serviço**. São Paulo: Pioneira, 1967.

RABELO, A. **A figura masculina na docência do ensino primário: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas “primárias” do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal**. 2008. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2008.

ROSEMBERG, Fernanda & AMADO, Tiago. **Mulheres na escola**. Cadernos de Pesquisa, 80, 1992. p. 62-74.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, Oliveira.; BRUSCHINI, Cláudio. (Orgs.) Uma Questão de Gênero. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SARMENTO, Teresa. **Correr o Risco: Ser Homem numa Profissão Naturalmente Feminina**. In: Actas do V Congresso Português de Sociologia. 2004. p. 99-107.

SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza. **Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva**. Ciência Saúde Coletiva [online]. 2005, vol.10, n.1, p. 7-17. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232005000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17/05/2011

SOUZA, Sérgio Ricardo. **Comentários à lei de combate à violência contra a mulher**. Curitiba: Juruá, 204 p, 2005.

TIRAMONTI, Guillermina. **O cenário político e educacional dos anos 90: a nova fragmentação**. Cadernos de Pesquisa, n. 100, São Paulo, mar. 1997. p. 93-108.

VIEIRA, Andréia Amorim. **A feminização do magistério e séries iniciais da rede pública do Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, 2003.

VIEIRA, Sonia. **Como Elaborar Questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

XAVIER, Maria Elizabete. **Poder político e educação de elite**. São Paulo: Cortez, 1990.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Pretendo seguir estudando a temática deste TCC, estou apaixonado pelo tema e acredito que posso me aprofundar muito mais, talvez com um mestrado ou doutorado.

Além disso, pretendo atuar como pedagogo das séries iniciais, fundar minha própria escola e contribuir na busca da qualidade da educação em nosso país.

Não pretendo parar de estudar, quero fazer um curso de línguas, bem como ainda realizarei meu sonho de ser um jornalista de prestígio em nível nacional, mas isso é para um futuro distante. São muitos sonhos e objetivos, que espero realizar.

Estou aguardando ser chamado no concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e pretendo aplicar de forma segura e eficaz todo o conhecimento apreendido na Universidade à rede pública de ensino do Distrito Federal.



APÊNDICE – A
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

QUESTIONÁRIO – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
“GÊNERO E TRABALHO PEDAGÓGICO: O PRISMA DO PEDAGOGO HOMEM NOS
ANOS DE INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO”
 Fernando Santos Sousa

1 – Faixa Etária

() 15 a 20 anos () 21 a 26 anos () 27 a 32 anos () 33 a 38 anos ()
 Acima de 39 anos

2 – Semestre Atual

() 1º ao 3º semestre () 4º ao 6º semestre () 7º ao 9º semestre

3 – Turno Matriculado

() Diurno () Noturno

4 – Trabalha Atualmente

() Não () Sim

Se trabalha, aonde? _____.

Profissão: _____.

5- Por que você escolheu fazer Pedagogia?

() Motivação Pessoal () Influência de amigos () Indicação de familiares
 () Não consegui fazer outro curso () Não sabia o que escolher
 () Outro motivo _____.

6 - Sofreu críticas por escolher o curso de Pedagogia?

() Sim, de familiares () Não, fui respeitado na minha escolha.
 () Sim, de amigos. () Ninguém disse nada

7 - Já teve sua sexualidade questionada por escolher o curso de Pedagogia?

() Sim () Não
 Caso positivo, como se sentiu?

8 - Você considera que existem diferenças entre as habilidades de homens e mulheres no magistério?

() Não () Sim

Caso positivo, quais seriam essas diferenças?

9 - Já pensou em desistir do curso de Pedagogia pelo fato de ser homem?

() Sim () Não

Caso positivo, por quê?

10 - Já sofreu algum tipo de preconceito ao procurar estágio/ trabalho em Pedagogia pelo fato de ser homem?

- () Sim, estágio. () Não.
 () Sim, trabalho. () Nunca percebi a diferença.

11- Você já realizou alguma atividade na área de pedagogia?

- () Não () Sim
 aonde? _____.

12– O que pretende fazer ao terminar o curso de Pedagogia?

- () Lecionar em séries iniciais () Lecionar em Educação da infância
 () Apenas quis fazer um curso superior () Atuar com EJA
 () Alguma outra área da pedagogia. Qual? _____
 () Não pretendo ser pedagogo () Fazer concurso em outra área
 () Não sei ainda o que fazer

13 – Se na sua prática profissional com crianças você fosse exigido trocar fraldas, se sentiria a vontade com essa situação?

- () Sim () Não

Caso positivo, por quê?

14- Como você se sente no Curso de Graduação freqüentado em que maioria dos estudantes são mulheres?

- () Não percebo tanta diferença. () Não gosto
 () Acho bom. () Indiferente
 () Às vezes, me incomoda

15 – Você gosta do curso de pedagogia?

- () Sim () Não

16 – Qual a sua expectativa de trabalho após concluir o curso de pedagogia?

APÊNDICE – B



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
QUESTIONÁRIO – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO

“GÊNERO E TRABALHO PEDAGÓGICO: O PRISMA DO PEDAGOGO HOMEM NOS ANOS DE INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO”

Fernando Santos Sousa

ROTEIRO ENTREVISTA

Informações Básicas

Idade: _____ anos.

Formação acadêmica: _____.

Tempo de Formação: _____.

Tempo de atuação em séries iniciais: _____.

Tempo de atuação em Educação da infância: _____.

Área de atuação atual: _____.

PARTE I: A escolha pelo curso

1. Conte um pouco sobre a sua trajetória escolar até o vestibular.
2. Como foi a sua escolha pelo curso em Pedagogia?
3. Qual foi a reação de seus familiares na sua escolha pelo curso?
4. E seus amigos tiveram alguma reação diferente do seu esperado?
5. Durante a sua escolha acadêmica teve influencia de outras pessoas? De quem? Como foi?
6. Ao entrar na faculdade de educação como foi acolhida pelos professores e alunos veteranos?
7. Você já percebeu alguma diferença de homens e mulheres na relação Professor / Aluno?
8. Como os colegas e professores lidavam com o fato de você ser homem dentro do curso de Pedagogia?
9. Em algum momento você sentiu vontade de desistir do curso? Por quê?
10. 10 - Fez algum tipo de estágio/pesquisa/extensão na área enquanto estava no curso? Como foi?

PARTE II: Após concluir o curso e Relação com o mercado de trabalho

11. Relate brevemente a sua trajetória no mercado de trabalho como Pedagogo?
12. Como você percebe a atuação do homem no magistério?

13. Em algum momento a sua competência como professor de educação da infância ou séries iniciais foi questionada pelo fato de você ser homem?
14. Você percebe alguma limitação em sua prática profissional pelo fato de ser homem?
15. Você acha que existe alguma diferença na atuação do homem e da mulher no magistério?
16. Como suas colegas de trabalho te percebem dentro da escola?
17. Como a direção da escola, reconhece seu trabalho como professor de educação da infância e séries iniciais? Há algum tipo de resistência? Por quê?
18. No trabalho com crianças você percebe algum tipo de limitação no aspecto de cuidar?
19. Existe alguma diferença entre o seu trabalho e o trabalho das professoras? Qual? Por quê?
20. Nas entrevistas de emprego você já se sentiu diferenciado pelo fato de ser homem?
21. Em relação a conhecimento ou conteúdos, existe alguma área que você tem mais afinidade ou que acha mais apropriada a professores ou professoras?
22. Nas suas turmas você percebe alguma diferença entre o rendimento de meninos e meninas?
23. Existe alguma diferença entre disciplina e cuidado? Qual?
24. Você percebe alguma diferença no tratamento de meninos e meninas em relação a você?
25. Já sofreu algum tipo de preconceito ou questionamento de suas habilidades pelo fato de ser homem em relação a pais e mães de alunos? Como foi?
26. Qual o seu sentimento de fazer parte de um grupo profissional predominantemente composto por mulheres?
27. – Quais seus planos futuros para sua carreira profissional?

APÊNDICE – C



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
QUESTIONÁRIO – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
“GÊNERO E TRABALHO PEDAGÓGICO: O PRISMA DO PEDAGOGO
HOMEM NOS ANOS DE INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO”
 Fernando Santos Sousa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Fernando Santos Sousa

Orientadora: Prof^a. Doutora Rosângela Azevedo Corrêa

Prezados Colaboradores,

Sou estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília e estou realizando uma pesquisa, como trabalho de conclusão de curso - TCC, que tem como principal objetivo compreender as vivências, expectativas dos profissionais homens formados em Pedagogia e que atuam ou querem atuar em séries iniciais. Será realizada uma entrevista semi-estruturada visando alcançar os objetivos da pesquisa. Com a permissão dos participantes esta entrevista será gravada para garantir a fidelidade dos dados. A análise, dos registros feitos durante a entrevista, será descrita no relatório final e estará disponível para todos quando concluído o estudo, inclusive poderá ser apresentado pelo pesquisador em encontros científicos e publicações em revistas especializadas.

A participação é voluntária. O estudo será documentado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. Se você concordar em participar do trabalho, o nome e identidade serão mantidos no mais absoluto sigilo. Somente o pesquisador terá acesso às informações para verificar dados do estudo. As perguntas referentes ao estudo poderão ser questionadas ao pesquisador, podendo ser consultado no telefone 8149-1692. Você receberá uma via assinada deste termo de consentimento.

Declaro que li e entendi o formulário de consentimento livre e esclarecido, sendo que as minhas dúvidas foram esclarecidas e que sou voluntário a tornar parte dessa pesquisa. Após estes esclarecimentos, li e assino este termo, concordando com as condições expostas e atestando nossa participação livre e espontânea do trabalho. Este será assinado também pelo pesquisador e do qual existem duas cópias, uma delas ficará conosco e outra arquivada com o pesquisador.

Brasília/DF, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador